

DOCUMENTOS

KIM IL SUNG

Teoria da Construção Económica do Socialismo



MARIA DA FONTE



Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros Publicados:

Colecção «Textos Maria da Fonte»

- 1 – Trotsky e o Trotskismo – Vários (2ª edição)
- 2 – Marx e os Sindicatos – A. Losovski (4ª edição)
- 3 – Mao Tsé-Tung e a Política de Partido – Mao Tsé-tung (2ª edição)
- 4 – O P.T.A. e a Luta Contra o Revisionismo – Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha
- 5 – Dimitrov e a Luta Sindical – George Dimitrov
- 6 – Lenine – A Vida de um Revolucionário – E. Yaroslavski
- 7 – Combater o Revisionismo – Uma Tarefa Revolucionária – Enver Hoxha
- 8 – Sobre a Guerra e a Paz – Lenine
- 9 – Os Sindicatos da Classe Operária – Lenine
- 10 – As Classes, a Economia e a Frente Única – Mao Tsé-tung
- 11 – Os Sindicatos da Classe Operária (II) – V. I. Lenine
- 12 – A Organização Comunista – Lenine

Colecção «DOCUMENTOS»

- 1 – Sobre o Trabalho de Propaganda / Um Congresso Histórico – Mao Tsé-tung, Chou En-lai e Wang Hong-wen
- 2 – A Linha Política Revolucionária do P.C. do Brasil (ML)
- 3 – Proclamação – Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos
- 4 – Guerra Popular – Caminho da Luta Armada no Brasil
- 5 – Programa e Estatutos da Internacional Comunistas
- 6 – Sobre a Experiência da Guerra de Libertação Nacional e o Desenvolvimento do Exército de Libertação Nacional da Albânia – Mehemet Sheou
- 7 – Têmpera no Fogo da Luta – Resumo breve da história do Exército de Libertação Nacional do Povo Albanês (1941-1944) – Lefter Kasneci
- 8 – Primeiro Congresso do Partido Comunista (ML) da Bélgica
- 9 – Informe da Actividade do C.C. do PTA – E. Hoxha
- 10 – História do Partido dos Trabalhadores do Vietnam
- 11 – 50 Anos de Luta – P.C.B. (M-L)

Colecção «CULTURA POPULAR»

- 1 – A Filosofia e a Arte ao Serviço da Revolução – Lu Sin, Michelle Loi, Alfredo Uci, Tcheu Kien-jen, Jdanov

Colecção «ESTUDOS»

- 1 – A Metade do Céu – Claudie Broyelle (3ª edição)
- 2 – Castro/Debray contra o Marxismo-Leninismo – Antoine Petit
- 3 – A Transformação Socialista da Economia Nacional na China – Siné Mou-Kiao, Sou Sing e Lin Tsé-li

Colecção «LIBERTAÇÃO NACIONAL»

- 1 – Quem é o Inimigo? Qual é o nosso Objectivo? – Agostinho Neto (1ª edição esgotada)
- 2 – Manual Político do PAIGC (1ª edição esgotada)
- 3 – Textos e Documentos do MPLA sobre a Revolução Angolana – Vários
- 4 – A Frelimo e a Revolução em Moçambique – Mondlane, Machel

Colecção «LUTA OPERÁRIA»

- 1 – Contra o Governo Provisório – José Staline
- 2 – Relatório sobre a Situação Internacional – A. Jdanov
- 3 – Os Comunistas e as Eleições – V.I. Lenine

Colecção «TEXTOS MANUEL QUIRÓS»

Para a Reconstrução do Partido Comunista (M-L) – Manuel Quirós

A sair:

- A inteligência no poder – Michelle Loi
Escritos (I) – Ho Chi Minh

**Teoria
da Construção
Económica
do Socialismo**

Colecção «DOCUMENTOS»

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

Capa: Maria José Sacadura

Digitalização: João Victor Bastos Batalha
(Arquivo Marxista na Internet)

**Teoria
da Construção
Económica
do Socialismo**

**ACERCA DOS PROBLEMAS DO PERÍODO
DE TRANSIÇÃO DO CAPITALISMO AO SOCIALISMO
E DA DITADURA DO PROLETARIADO**

Nestes últimos tempos, no decurso do estudo dos documentos da Conferência do Partido, surgiram diferentes opiniões, sobre os problemas do período de transição e da ditadura do proletariado, entre um certo número de peritos e de quadros encarregados do trabalho ideológico. Sobretudo depois da publicação de um artigo relativo a tais problemas, multiplicaram-se as opiniões a respeito. Também eu dei uma opinião simples depois de ter estudado os materiais relativos a estes problemas e trocado opiniões com peritos. Ora os camaradas que a escutaram transmitiram-na, interpretando-a cada um à sua maneira. Daí resultou que muitos pontos foram deformados. Como as questões em discussão são questões de grande importância, ligadas aos documentos da Conferência do Partido, não podemos de forma nenhuma desprezá-las. Eis a razão porque tenho de falar hoje delas numa forma um pouco mais detalhada.

Como todos os outros problemas científicos e teóricos, os problemas do período de transição e da ditadura do proletariado deveriam ser resolvidos partindo sempre das ideias de *Juche* do nosso Partido. Nunca devemos pretender resolver dogmaticamente estes problemas, ligando-nos estritamente às teses dos clássicos. Também não se deve querer interpretá-los à maneira de outrem, deixando-nos cativar pelas ideias de servilismo às grandes potências. Ora, tal como ressalta não só do exame das exposições de numerosos peritos como da leitura das memórias de certos

camaradas, a verdade é que quase todos interpretam de uma forma dogmática as teses dos clássicos, se não querem interpretá-las conforme o que pensam as pessoas doutros países e deixar-se arrastar para os desvios de servilismo às grandes potências. Esta é a razão porque, no fim de contas, formulam os problemas num sentido completamente diferente daquele que lhe dá o nosso Partido. Procedendo assim, nunca se poderá estudar e resolver corretamente os problemas. Só se poderá chegar a uma conclusão justa resolvendo os problemas do próprio chefe, sem servilismo às grandes potências nem dogmatismo.

Falemos primeiro do problema do período de transição.

Para esclarecer corretamente o problema do período de transição é necessário examinar em primeiro lugar as circunstâncias históricas e as premissas de que partiram os clássicos, e em particular Marx, ao equacionarem este problema.

Na nossa opinião, desde já, quando Marx dava a definição de socialismo e formulava o problema do período de transição do capitalismo ao comunismo, tinha decerto no espírito um país capitalista desenvolvido. Creio que é preciso, antes de mais, compreender claramente este fato para se poder resolver corretamente o problema do período de transição.

Como se apresenta então o país capitalista desenvolvido cuja questão se levanta aqui? É um país capitalista onde existe o operário agrícola ao lado do operário industrial, o camponês já não se encontra no campo, uma vez que tendo sofrido, tal como a cidade, uma transformação capitalista completa, as relações capitalistas dominam em toda a sociedade. O país capitalista avançado em que pensava Marx, no desenvolvimento da sua doutrina, era um país capitalista desse tipo, e era precisamente um país como a Grã-Bretanha que ele tinha sempre na mente, e onde vivia e orientava as suas atividades. Eis a razão porque na exposição do problema do período de transição do capitalismo ao socialismo, Marx teve, em primeiro lugar,

como premissa a condição da ausência das diferenças de classe entre a classe operária e o campesinato.

Se examinarmos agora os países capitalistas mais desenvolvidos do nosso tempo, verificamos que, tendo as forças produtivas sofrido um alto desenvolvimento nesses países, também o campo sofreu uma completa transformação capitalista e que, por este motivo, a classe operária constitui a única classe trabalhadora tanto no campo como na cidade. Num país capitalista existem várias dezenas de milhares de quintas que são altamente mecanizadas. Pois bem, a eletrificação, a irrigação e o progressivo emprego da química, também atingiram no campo um alto nível de desenvolvimento. Por isso se diz nesse país que um operário agrícola cultiva 30 hectares de terra. Que significa isso? De fato, isso significa que não só não existem diferenças de classe entre a classe operária e o campesinato, mas também que as forças produtivas da agricultura atingiram quase o mesmo nível das da indústria. Se é verdade que existe uma diferença, não é mais do que a diferença de condições de trabalho: o operário industrial trabalha na fábrica, o operário agrícola trabalha no campo.

Marx considerava também como um período relativamente curto a etapa de transição ao socialismo, após a tomada do poder pelo proletariado nesses países capitalistas desenvolvidos. Por outras palavras, considerava que uma vez que só existem duas classes na sociedade, a classe capitalista e a classe operária, será possível cumprir as tarefas do período de transição, num prazo relativamente curto e passar rapidamente à fase superior do comunismo, uma vez a classe dos capitalistas esmagada e as suas propriedades tomadas e convertidas em propriedade de todo o povo no decorrer da revolução socialista. Portanto, Marx nunca afirmou que era possível passar diretamente do capitalismo ao comunismo, sem atravessar a fase do socialismo. Seja qual for o grau de desenvolvimento das forças produtivas, mesmo que não existam diferenças entre a classe operária e o campesinato, é preciso cumprir obrigatoriamente, antes de passar ao comunismo, as tarefas

do período de transição que consistem na liquidação dos restos das forças da classe exploradora e na supressão das ideias caducas na consciência dos homens. É o primeiro ponto que temos de ter em conta sem falta.

O segundo ponto que devemos tomar em consideração para estudar a doutrina de Marx sobre o período de transição e para esclarecer este problema como deve ser é a visão de Marx sobre a revolução ininterrupta.

Como toda a gente sabe, Marx não podia ver claramente o desenvolvimento político e econômico irregular do capitalismo, visto ter vivido numa época do capitalismo pré-monopolista e, por consequência, considerava que a revolução proletária estalaria quase simultaneamente, de uma forma sucessiva nos principais países capitalistas da Europa, pensando que a revolução mundial triunfaria relativamente depressa. Partindo destas premissas, Marx não só considerou o período de transição do capitalismo ao socialismo como um período histórico relativamente curto, como também definiu que a ditadura do proletariado corresponderia, em tempo, ao período de transição, isto é, definiu o período de transição e a ditadura do proletariado como coisas inseparáveis uma da outra. Devemos também ter em conta este ponto. Pode-se considerar também que Lênin continuou no essencial a posição de Marx quando expôs os problemas do período de transição e da ditadura do proletariado. Por certo, ainda que capitalista, a Rússia onde Lênin viveu e dirigiu as suas atividades era, não um país capitalista desenvolvido, mas um país capitalista atrasado, ao contrário da Grã-Bretanha e da Alemanha onde Marx viveu e orientou suas atividades. Por isso, Lênin considerava a fase socialista, fase transitória, como um período relativamente longo, e não curto como dizia Marx.

No entanto, segundo o ponto de vista de Marx, Lênin afirmou também que a sociedade onde subsistem as diferenças de classe entre o operário e o camponês é, ainda que a classe operária tenha derrubado o regime capitalista e tomado o poder, uma sociedade transitória e não, decerto, uma sociedade comunista nem uma socialista completa.

Também disse que não basta derrubar os capitalistas enquanto classe, mas que é preciso eliminar as diferenças entre o operário e o camponês, para que o socialismo seja completamente realizado. Desta maneira, Lênin considerava, em última análise, como período de transição do capitalismo ao socialismo ou ao comunismo, o período definido entre o derrube da classe capitalista pela operária e a realização da sociedade sem classes, em que desaparecem as diferenças entre a classe operária e o campesinato. Considero que esta definição do período de transição é profundamente correta.

Ora, a questão está no fato dos nossos camaradas interpretarem dogmaticamente as teses de Marx e de Lênin sem tomarem em consideração a época e as circunstâncias históricas de onde elas surgiram e, em particular, no fato de estabelecerem que o período de transição e a ditadura do proletariado são a mesma coisa e inseparáveis.

Sem dúvida, é verdade que o período de transição do capitalismo ao socialismo ou ao comunismo só se consumará quando, após o derrube da classe dos capitalistas, for realizada a sociedade sem classes onde já não existirão diferenças entre a classe operária e o campesinato. Além disso, podemos acreditar que, no caso da deflagração sucessiva da revolução socialista em todos os países e do triunfo da revolução à escala mundial, o período de transição e a ditadura do proletariado corresponder-se-iam e que com o fim do período de transição, a ditadura do proletariado desapareceria, extinguindo-se então o Estado.

Mas é preciso considerar que quando o socialismo for construído e a sociedade sem classes for realizada num único país ou numa certa região, o período de transição chegará ao fim, mesmo que a revolução não tenha triunfado à escala mundial. Contudo, a ditadura do proletariado não poderá desaparecer, e menos ainda se poderá falar da extinção do Estado, enquanto o capitalismo subsistir no mundo. Por isso, para elucidar como deve ser os problemas do período de transição e da ditadura do proletariado, não devemos agarrar-nos de uma forma dogmática às teses de Marx e de Lênin, mas interpretar estes problemas partindo da

experiência prática da edificação do socialismo no nosso país.

Presentemente, algumas pessoas usam a noção do período de transição do capitalismo ao socialismo, mas não se servem em sentido nenhum da noção de período de transição do capitalismo ao comunismo, isto é, à fase superior do comunismo. Apesar de tudo, empregam o termo “passagem gradual do socialismo ao comunismo”.

O desvio oportunista de direita consiste em considerar que o período de transição vai da conquista do poder pela classe operária à vitória do regime socialista e em julgar, fazendo coincidir o período de transição com o período de ditadura do proletariado, que a ditadura do proletariado acaba a sua missão histórica logo que o período de transição chegue ao fim. Esta é a razão porque, os que defendem esta posição afirmam que, a partir do momento em que a vitória tão completa como definitiva do socialismo, primeira fase do comunismo, tenha sido alcançada e que se passou à edificação generalizada do comunismo, a ditadura do proletariado cumpriu a sua missão histórica deixando de ser necessária. É uma visão oportunista de direita que vem inteiramente contra o marxismo-leninismo.

Qual será então a visão oportunista de “esquerda”? Recentemente, os que têm pontos de vista de “esquerda” consideravam o problema do período de transição exatamente da mesma maneira que os que têm pontos de vista oportunista de direita. Mas nestes últimos tempos, partindo da sua posição segundo a qual o comunismo só poderá ser realizado após algumas gerações, pensam que é necessário considerar o período de transição como um período de transição do capitalismo à fase superior do comunismo. O caminho que seguem para isso é, segundo creio, criticar o oportunismo de direita. Criticar os desvios de direita é bom, mas tal ponto de vista sobre o problema do período de transição, não o podemos considerar correto.

Como acabamos de ver acima, podemos aperceber-nos de que essas pessoas cometem todas, tanto umas como

outras, desvios quando abordam os problemas do período de transição e da ditadura do proletariado.

Somos da opinião de que pouco importa que se chame período de transição ao período de transição do capitalismo ao socialismo, ou ainda período de transição do capitalismo ao comunismo, uma vez que o socialismo é a primeira fase do comunismo. Contudo o que acontece aqui, é que um certo número dos nossos camaradas, arraigados de servilismo às grandes potências, consideram, segundo o ponto de vista oportunista de “esquerda”, que o período de transição se situa entre o capitalismo e a fase superior do comunismo, ou, segundo o ponto de vista oportunista de direita, que vai até à vitória do socialismo.

O ponto crucial da polémica sobre o período de transição não está pois nos termos “transição ao socialismo” e “transição ao comunismo”, mas reporta-se à questão de saber onde traçar a linha de demarcação do período de transição. Atualmente, muita gente, que traçou incorretamente esta linha de demarcação, caiu na confusão, o que dá lugar a diversas questões. Tanto a linha de demarcação traçada pelos que têm pontos de vista oportunistas de direita como a traçada pelos que têm pontos de vista de “esquerda”, causam problemas.

A fase superior do comunismo, não é apenas uma sociedade sem classes, onde não existem diferenças entre o operário e o camponês, mas também uma sociedade altamente desenvolvida onde também não existem diferenças entre o trabalho intelectual e o trabalho manual e onde todos os seus membros trabalham segundo a sua capacidade e recebem segundo as suas necessidades. Eis a razão porque, se considerarmos que o período de transição vai até esta fase superior do comunismo, isso equivale, de fato, a não traçar a linha de demarcação. Algumas pessoas não só consideram que o período de transição vai até à fase superior do comunismo, como também afirmam que é impossível realizar o comunismo num só país. Dizem que só se poderá entrar no comunismo quando se realizar a revolução mundial. Segundo esta opinião, o período de

transição não pode terminar antes da completa concretização da revolução mundial. Enquanto os que defendem uma posição de direita fazem coincidir o período de transição com a ditadura do proletariado considerando que o período de transição vai até ao triunfo do socialismo, os que consideram que ele dura até à fase superior do comunismo, explicam que o período de transição e a ditadura do proletariado se correspondem mutuamente. Ao que pensamos, foram bastante longe na sua opinião.

Por outro lado, levanta-se também um problema no fato de os que têm pontos de vista de direita considerarem que o período de transição vai até ao triunfo da revolução socialista. A ideia de que o período de transição vai até à vitória do regime socialista provém do ponto de vista ideológico que consiste em abandonar, no plano nacional, a luta de classes contra os restantes elementos da classe exploradora derrubada e em renunciar, no plano internacional, à revolução mundial, querendo viver em paz com o imperialismo. Pior ainda, defendem que a ditadura do proletariado desaparece com o fim do período de transição. Como poderia ser isto? É profundamente errado!

Não se deve, pois, seguir mecanicamente o que foi estabelecido pelas pessoas que têm pontos de vista de direita nem tomar como critério o que foi estabelecido pelos que têm pontos de vista de “esquerda”.

Devemos estabelecer sempre firmemente o *Juche* e basear-nos na experiência prática da revolução e da edificação no nosso país para ponderar o problema.

Como já mencionei mais acima, as definições que os clássicos deram aos problemas do período de transição e da ditadura do proletariado são, de fato, corretas do ponto de vista das condições históricas do seu tempo e das premissas de que partiram.

Mas, hoje, a nossa realidade exige que se desenvolvam estas definições de uma forma criadora e não que as apliquemos mecanicamente. Realizamos a revolução socialista nas condições que herdamos das forças produtivas muito atrasadas de um país agrícola, e edificamos

o socialismo nas circunstâncias em que o capitalismo continua ainda como uma força considerável no mundo.

Para esclarecer como deve ser os problemas do período de transição e da ditadura do proletariado, é absolutamente necessário ter em conta esta realidade concreta em que nos encontramos. Tendo em conta este ponto, penso que é ir demasiado longe considerar que o período de transição, no nosso país, vai até à fase superior do comunismo, e que é correto considerar que o período de transição vai até ao socialismo. Mas é errôneo considerar que o período de transição termina logo que a revolução socialista triunfe e que seja estabelecido o regime socialista. Tanto à luz do que disseram os fundadores do marxismo-leninismo, como à luz da nossa experiência prática, é correto encarar o problema da seguinte forma: o derrube da classe dos capitalistas e a concretização da revolução socialista pela classe operária, depois da tomada de poder, não marcam de modo nenhum a edificação completa da sociedade socialista. Esta é a razão porque nunca afirmamos que o estabelecimento do regime socialista é a vitória completa do socialismo.

Quando estará então realizada a sociedade socialista completa? A vitória completa do socialismo só será atingida quando as diferenças de classe entre a classe operária e o campesinato forem eliminadas e as camadas sociais médias, em particular as massas camponesas, nos apoiem ativamente. Enquanto os camponeses não forem transformados em classe operária, o seu apoio, mesmo que se verifique, não poderá ser firme e estará inevitavelmente sujeito a uma certa oscilação.

A tomada do poder pela classe operária é apenas o princípio da revolução socialista. Para edificar completamente a sociedade socialista, é preciso consolidar as bases materiais do socialismo, prossequindo continuamente a revolução. Já insisti muitas vezes sobre este ponto nos meus informes e discursos. Ora, um certo número dos nossos camaradas, impregnados das ideias do servilismo às grandes potências, tiveram sempre um grande interesse pelo que diziam os outros, sem mesmo terem o

cuidado de estudar seriamente os documentos do nosso Partido. Isso é um erro grave.

Devemos apoiar-nos firmemente na nossa realidade para vermos corretamente todos os problemas. Como o nosso país não passou pela revolução capitalista, as forças produtivas estão muito atrasadas e as diferenças entre a classe operária e o campesinato subsistirão por muito tempo, mesmo após a concretização da revolução socialista. Na realidade, hoje são muitos poucos, no mundo, os países capitalistas altamente desenvolvidos, uma vez que a maior parte dos países são países atrasados que, tal como o nosso país e seus semelhantes, eram outrora colônias ou semicolônias, ou então países que ainda se encontram subjugados. *Tais países só poderão edificar uma sociedade sem classes e consolidar o socialismo, desenvolvendo as forças produtivas durante um período relativamente longo mesmo depois da realização da revolução socialista.*

Pelo fato de não termos atravessado normalmente a etapa de desenvolvimento capitalista, devemos forçosamente realizar hoje, na nossa etapa socialista, a tarefa de desenvolver as forças produtivas, que deveria ter sido cumprida necessariamente sob o capitalismo. Não é absolutamente necessária proceder a uma transformação capitalista da sociedade, formar conscientemente capitalistas e depois abatê-los para, a seguir, reedificar o socialismo, pelo fato de não termos realizado esta tarefa na etapa capitalista. A classe operária que tomou o poder não deve fazer renascer a sociedade capitalista, mas, com vista a edificar a sociedade sem classes, deve realizar sob o regime socialista essa tarefa que deveria ter sido realizada na etapa da revolução capitalista.

Não devemos deixar de consolidar sem cessar as bases materiais do socialismo para *conduzir as forças produtivas, pelo menos, ao nível dos países capitalistas desenvolvidos* e para eliminar completamente as diferenças entre a classe operária e o campesinato. Com efeito, é preciso mecanizar os trabalhos agrícolas, empreender o avanço do emprego da química, desenvolver a irrigação e pôr em vigor a jornada de

trabalho de 8 horas, impulsionando a revolução técnica até ao ponto onde os países capitalistas desenvolvidos operaram as transformações capitalistas nos seus campos.

Foi precisamente com esse fim que publicamos as Teses sobre a questão rural socialista. Ora, os nossos camaradas não estudam mesmo como deve ser estas Teses. Devemos usar o cérebro para ponderar todo o problema do nosso próprio chefe, baseando-nos sempre nos documentos do nosso Partido. Quais são então as ideias principais das *Teses sobre a questão rural socialista no nosso país*? As ideias fundamentais das Teses consistem em realizar a revolução técnica no campo, para desenvolver fortemente as forças produtivas da agricultura e, ao mesmo tempo, empreender aí a revolução ideológica e cultural a fim de eliminar progressivamente as diferenças entre a classe operária e o campesinato nos domínios técnico, ideológico e cultural, e em levar a propriedade cooperativa ao nível da propriedade de todo o povo.

Ora, estas tarefas não podem ser realizadas sem a direção e a ajuda da classe operária ao campesinato. A linha de conduta do nosso Partido consiste em realizar a revolução técnica no campo assistindo material e tecnicamente os camponeses, através do apoio de sólidas bases industriais. Com efeito, é preciso enviar muitos tratores para o campo e fornecer-lhes grandes quantidades do adubo e de outros produtos químicos agrícolas para fazer avançar o emprego da química e também é necessário efetuar a irrigação. Ao mesmo tempo, a classe operária deve ajudar os camponeses a reforçar a sua ideologia e exercer sobre eles a sua influência cultural. Só deste modo é que os camponeses podem ser completamente transformados em classe operária.

Na realidade, a transformação dos camponeses em classe operária é uma das questões mais importantes da edificação do socialismo e do comunismo. É precisamente por estes meios que nos propomos transformar os camponeses em classe operária e eliminar as diferenças entre a classe operária e o campesinato.

Não precisamos de servilismo às grandes potências mas sim de resolver a questão da transformação dos camponeses em classe operária, mantendo-nos firmemente na posição de Juche do nosso Partido. Devemos aplicar o espírito das Teses e consolidar as bases materiais do socialismo para levar as forças produtivas a um nível elevado, eliminar as diferenças entre a cidade e o campo e tornar fácil a vida do povo.

Só desta maneira é que podemos ganhar completamente as antigas camadas sociais médias. Enquanto as camadas médias não deixarem de oscilar e não nos apoiarem inteiramente, não poderemos dizer que o socialismo foi consolidado, nem considerar que ele tenha triunfado completamente. Apenas poderemos dizer que realizamos completamente o socialismo quando as camadas sociais médias nos apoiarem ativamente. Poderemos dizer que as tarefas do período de transição do capitalismo ao socialismo foram cumpridas, quando, pelo impulso da edificação do socialismo, tivermos ganho completamente para o nosso lado as camadas sociais médias e tivermos suprimido as diferenças entre a classe operária e o campesinato e construído a sociedade sem classes.

Assim, penso que é correto traçar a linha de demarcação do período de transição no ponto em que se realiza a sociedade sem classes, ao contrário do que defendem os que têm desvios de direita ou de "esquerda".

Como se deve então chamar esta sociedade que corresponde ao período que vai da vitória da revolução socialista e da concretização da transformação socialista até à supressão das diferenças de classe entre a classe operária e o campesinato? Esta sociedade pertence sem dúvida ao período de transição, mas é uma sociedade sem exploração. É, portanto, impossível chamar-lhe outra coisa que não seja sociedade socialista.

Certamente, não se passará à fase superior do comunismo, logo que o período de transição tenha chegado ao fim. Para atingir a fase superior do comunismo, é preciso, mesmo depois do fim do período de transição, prosseguir a

revolução e a construção, e desenvolver assim as forças produtivas até ao nível em que cada um trabalhe segundo as suas capacidades e receba segundo as suas necessidades.

Penso que este ponto de vista sobre o problema do período de transição está de acordo com as definições de Marx e de Lênin e que sai das novas condições históricas e da experiência prática da revolução e da edificação no nosso país. Esta não é a nossa conclusão definitiva, mas sim uma conclusão preliminar. É conveniente que aprofundeis os vossos estudos neste sentido.

Se se deve definir assim o problema da transição, como se deverá encarar o problema da ditadura do proletariado? Como já disse mais acima, os clássicos pensaram que o período de transição e a ditadura do proletariado se correspondem reciprocamente. Pois bem, se for realizada no nosso país a sociedade sem classes e for atingida a vitória completa do socialismo, ou melhor, se as tarefas do período de transição forem cumpridas, deixará de ser necessária a ditadura do proletariado? Nunca se poderá dizê-lo. Sem falar da necessidade de sua experiência para todo o percurso do período de transição, a ditadura do proletariado deve prolongar-se absolutamente até à fase superior do comunismo, mesmo depois do fim do período de transição.

Mesmo que consolidássemos as bases materiais e técnicas do socialismo e que, por aplicação das Teses sobre a questão rural socialista, concretizássemos a revolução técnica no campo, levássemos a propriedade cooperativa ao nível da propriedade de todo o povo, transformássemos o campesinato em classe operária e eliminássemos as diferenças entre a classe operária e o campesinato, as forças produtivas não teriam chegado ainda a um nível que permitisse aplicar o princípio do comunismo: cada um trabalha segundo as suas capacidades e recebe segundo as suas necessidades. É por isso que mesmo nessa altura será preciso continuar a edificar o socialismo e a lutar pela realização do comunismo. É evidente que não se poderão cumprir estas tarefas sem a ditadura do proletariado. Ou melhor, mesmo depois do fim do período de transição, a

ditadura do proletariado deve prolongar-se até à fase superior do comunismo.

Mas, aqui levanta-se uma outra questão: logo que se realize o comunismo num país ou numa região, quando o capitalismo ainda subsiste no mundo, que acontecerá à ditadura do proletariado? Enquanto a revolução mundial ainda não estiver acabada e o capitalismo e o imperialismo subsistirem, mesmo que o comunismo esteja realizado num país ou numa região, esta sociedade não poderá evitar a ameaça do imperialismo, nem a resistência dos inimigos do interior ligados aos inimigos do exterior. Em tais condições, o Estado não poderá extinguir-se e a ditadura do proletariado deverá permanecer sempre, mesmo na fase superior do comunismo. No caso da revolução estalar sucessivamente em todos os países do mundo e no caso do capitalismo se arruinar, triunfando a revolução socialista à escala mundial, o período de transição e a ditadura do proletariado coincidirão e, quando o período de transição chegar ao fim, a ditadura do proletariado já não será necessária e extinguir-se-ão as funções do Estado. Contudo, a partir do momento em que admitimos a teoria da possibilidade da edificação do comunismo num só país ou numa certa região, é de fato correto encarar assim separadamente o período de transição e a ditadura do proletariado.

Se encaramos deste modo o problema do período de transição e da ditadura do proletariado, não é de forma nenhuma para rever o marxismo-leninismo. A nossa posição consiste em aplicar de uma forma criadora as teses enunciadas por Marx e por Lênin, às condições históricas novas, bem como à prática concreta do nosso país. Considero que este modo de agir constitui a via que permite combater o dogmatismo e o servilismo às grandes potências e salvaguardar a pureza do marxismo-leninismo.

Em relação à ditadura do proletariado, gostaria de fazer brevemente algumas referências sobre o problema da luta de classes. Haverá a ditadura do proletariado enquanto existir a luta de classes; a ditadura do proletariado é necessária para conduzir a luta de classes. Mas, há várias formas de luta de

classes. Uma coisa é a forma de luta de classes no derrube do capitalismo, outra coisa é a luta de classes depois do derrube do capitalismo. Isso já foi claramente indicado nos documentos do nosso Partido. Contudo, muitas pessoas cometem erros de “esquerda” ou de direita, porque não compreendem isto devidamente.

A luta de classes durante a revolução socialista é uma luta que visa liquidar os capitalistas enquanto classe; a luta de classes na sociedade socialista, é uma luta que tem por objetivo a unidade e a coesão, e não é de forma nenhuma uma luta de classes destinada a semear a discórdia e a inimizade entre os membros da sociedade. Na sociedade socialista conduz-se a luta de classes, mas segue-se o método da cooperação com vista à unidade e à coesão. A revolução ideológica que prosseguimos atualmente é, digase de passagem, uma luta de classes, e a ajuda que damos ao campo com o objetivo de transformar os camponeses em classe operária também é uma forma de luta de classes. Pois o objetivo que move o Estado da classe operária, ao fornecer máquinas e adubos químicos aos camponeses e ao desenvolver a irrigação, consiste, no fim de contas, em suprimir os camponeses enquanto classe e em transformá-los completamente em classe operária. *O objetivo da nossa luta de classes é não só transformar os camponeses em classe operária, suprimindo-os assim enquanto classe, mas também revolucionarizar as antigas camadas sociais médias, os intelectuais da antiga escola e a velha classe pequeno-burguesa urbana em primeiro lugar, remodelando-as assim à imagem da classe operária. Esta é a forma de luta de classes que seguimos.*

E depois, sob o nosso regime, dado que as forças contrarrevolucionárias do exterior exercem a sua influência subversiva e que os restantes elementos da classe exploradora derrubada agem no interior, existe uma luta de classes que visa esmagar as suas manobras contrarrevolucionárias.

Como se vê, na sociedade socialista há uma forma da luta de classes que consiste em exercer a ditadura sobre os

inimigos do exterior e do interior, ao lado da forma principal da luta de classes que consiste em revolucionarizar e remodelar, pelo método da cooperação, os operários, os camponeses e os intelectuais trabalhadores com vista à sua unidade e à sua coesão.

Por isso, na sociedade socialista a luta de classes não desaparece, mas continua sempre; apenas muda de forma. Este modo de considerar o problema da luta de classes na sociedade socialista é inteiramente justo.

Em relação ao problema da luta de classes, queria dizer ainda algumas palavras para sublinhar o problema da revolucionarização dos intelectuais. Ainda não podemos afirmar que encontramos os meios perfeitos de revolucionarização dos intelectuais. Experimentamos pôr os intelectuais a trabalhar na fábrica com os operários para revolucionarizá-los, mas duvidamos que esse seja um método verdadeiramente perfeito. Se formamos os intelectuais, foi com o objetivo de os ensinar a escrever, de os pôr a estudar as ciências e a técnica ou de os tornar professores. Se queríamos pô-los a trabalhar na fábrica, porque gastamos tanto para os formar, em vez de fazermos deles operários desde o início? Por isso este método também não é conveniente.

Decerto é bom que se aproximem os intelectuais dos operários para que aprendam, com estes últimos, o seu espírito de organização, a sua firmeza e o seu espírito de abnegação, que consiste em servir o povo pelo trabalho manual. Contudo, isso poderia resolver completamente o problema da revolucionarização dos intelectuais? Não. Não são raros os nossos escritores que foram para a fábrica. Mas alguns escritores não fizeram assim tão grandes progressos, mesmo depois do seu trabalho na fábrica. Por consequência, é impossível revolucionarizar os intelectuais unicamente por este método que consiste em mandá-los trabalhar para a fábrica.

O importante é reforçar a sua participação ativa nas diferentes organizações, a começar pela sua participação ativa no Partido. Presentemente, alguns dos nossos

intelectuais não gostam de reforçar a sua participação ativa no Partido e nas diversas organizações e não participam corretamente na vida delas. Pensam que o reforço da vida do Partido e a participação na vida das organizações arrastarão à privação de liberdades.

Mesmo entre os quadros, os que se insurgem contra a política do Partido são também os que não participam ativamente no Partido e que não fazem como deve ser o estudo do Partido. Atualmente, como a Escola Central do Partido, também já não reforça a vida do Partido para os seus alunos, estes não sabem, mesmo após a sua saída da escola, nem aplicar o que aprenderam, nem trabalhar e nem viver de uma maneira revolucionária.

É esta a razão porque o mais importante para a revolucionarização dos intelectuais é fazê-los participar ativamente na vida da organização revolucionária. Antes de tudo, é preciso que eles reforcem a sua participação ativa na célula do Partido e que se armem de ideias revolucionárias, fazendo bem o estudo do Partido, sem se vangloriarem da sua sabedoria. Depois, não devem temer nem a crítica que lhes possa ser feita, nem a crítica que tenham de fazer aos outros, devem praticar severamente a crítica e a autocrítica e observar estritamente a disciplina na organização. Só esta forma de agir poderá ajudá-los a autorrevolucionarizarem-se. Toda a gente deve formar em si a ideia do coletivismo na sua vida no seio do Partido ou nas organizações de massa, e assimilar o espírito revolucionário que consiste em aceitar infalivelmente as tarefas revolucionárias distribuídas pela organização e em cumpri-las fielmente. Os membros do Partido e os membros das organizações de massa devem armar-se firmemente da política do Partido e propagá-la, e devem transformar-se em revolucionários executando sem falta as tarefas revolucionárias em conformidade com a política do Partido. O revolucionário é um comunista autêntico. O comunista não tem nada a ver com o egoísmo que consiste em reduzir tudo a si mesmo. Os revolucionários devem ter o espírito comunista de trabalhar e de viver “um por todos e todos por um”, devem temperar-se no espírito do

Partido, no espírito de classe e no espírito popular, que consiste em trabalhar para a classe operária e para todo o povo.

No fim de contas, quando os intelectuais não participam ativamente na organização do Partido e em todas as outras organizações, acabam por se corromper. São numerosos os exemplos deste tipo. Sublinho uma vez mais que todos os intelectuais, sejam eles velhos ou novos, devem reforçar a sua participação ativa na organização do Partido e nas outras organizações, a fim de desembaraçarem-se do liberalismo e das ideias pequeno-burguesas e temperarem-se em revolucionários.

Hoje, falei-vos muito detalhadamente os problemas do período de transição e da ditadura do proletariado.

Penso que isto será suficiente para compreenderem, em linhas gerais, os problemas postos em discussão no decurso do estudo dos documentos da Conferência do Partido.

**ACERCA DE ALGUNS PROBLEMAS TEÓRICOS
DA ECONOMIA SOCIALISTA**

No mês de Abril de 1968, por intermédio do departamento das Ciências e do Ensino do Comitê Central do Partido, recebi as questões formuladas por peritos sobre alguns problemas da teoria da economia socialista. Contudo, dado que no ano passado a situação era tensa no país e que tinham lugar as festividades para a celebração do 20º aniversário da fundação da República, foi-me impossível arranjar tempo para responder, na devida altura, às questões que me tinham sido postas. Diz-se ainda que nestes últimos tempos alguns quadros dirigentes económicos e alguns peritos discutem sobre estes problemas sem chegarem a uma compreensão exata deles. Esta é a razão porque hoje estou empenhado em dar a minha opinião a este respeito.

1. O PROBLEMA DA CORRELAÇÃO ENTRE A ENVERGADURA DA ECONOMIA E O RITMO DE DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO NA SOCIEDADE SOCIALISTA

Nestes últimos tempos, circula entre certos economistas uma teoria segundo a qual, na sociedade socialista, a economia não deixa de se desenvolver, mas que a velocidade relativa desse desenvolvimento não pode ultrapassar 4 a 5% ou 6 a 7% por ano, quando é atingida uma certa etapa de desenvolvimento. Atualmente, mesmo entre os quadros dirigentes dos nossos organismos econômicos de Estado, há, diz-se, pessoas que consideram que ainda que só aumentássemos a produção industrial de 6 a 7% ao ano, isto seria um ritmo bastante elevado, visto que, nos países capitalistas, sofre apenas um acréscimo de 2 a 3% por ano.

Para argumentar esta afirmação, alegam que as reservas para o aumento da produção diminuem no período de reconstrução em relação ao período de restabelecimento e que, por consequência, quanto mais se desenvolve a economia e mais se aumenta a sua envergadura, tanto mais se reduz a possibilidade de aumentar a produção. Por outras palavras, quanto mais a indústria se desenvolvesse, tanto mais se reduziriam as reservas e diminuiria a velocidade de aumento da produção. Dizem eles que no caso específico do nosso país havia muitas reservas no período de restabelecimento do após-guerra, mas, hoje que a base da industrialização socialista foi lançada e que se entrou no período de reconstrução técnica geral da economia nacional,

já não existem reservas suficientes e, por consequência, já não se pode aumentar continuamente a produção em ritmo acelerado.

Os que pensam assim não entenderam a verdadeira superioridade do sistema da economia socialista ou então não a querem ver.

A sociedade socialista tem possibilidades ilimitadas para desenvolver sem cessar a economia com uma grande rapidez, mesmo inconcebível para a sociedade capitalista, e quanto mais progredir a construção socialista e se reforçarem as bases econômicas, mais aumentam essas possibilidades.

Na sociedade capitalista a produção não se pode desenvolver sem cessar devido à paragem periódica do processo da reprodução e do desperdício de muito trabalho social, consequências da crise de superprodução, mas na sociedade socialista todos os recursos em mão-de-obra e todas as riquezas naturais do país podem ser utilizadas o mais racionalmente possível e a produção pode aumentar continuamente e de uma maneira planificada. Estas possibilidades de aumento da produção multiplicam-se ainda mais, à medida que se estabeleça um equilíbrio racional entre os ramos da economia nacional e à medida que a economia do país seja melhor organizada na sequência do reforço da função de organizador econômico do Estado de ditadura proletária e da subida do nível dos funcionários na gestão da economia. O Estado socialista pode destinar muitos fundos à acumulação porque mantém sob o seu controle a produção e a repartição, a acumulação e o consumo, realizando-os de um modo planificado e, ao utilizar esses fundos o mais racionalmente possível, pode efetuar sem parar a reprodução socialista em grande envergadura.

Além disso, as relações de produção socialistas abrem um largo caminho para o desenvolvimento incessante das forças produtivas e, aproveitando esta possibilidade, o Estado socialista pode desenvolver a técnica rapidamente e de uma maneira planificada. A técnica velha é substituída por uma técnica nova, a técnica nova por uma técnica ainda mais

nova, o trabalho manual é mecanizado, a mecanização desenvolve-se e conduz a uma semiautomatização, a semiautomatização desenvolve-se sem cessar e conduz a uma automatização; eis o processo lógico da edificação do socialismo e do comunismo. É uma verdade evidente que na sociedade socialista a produtividade do trabalho aumenta sem cessar e que a produção se desenvolve a um ritmo acelerado à medida que a técnica avança rapidamente.

Na sociedade capitalista, o fator decisivo dum impulso poderoso para o desenvolvimento das forças produtivas é o elevado ardor revolucionário do homem. A superioridade essencial do sistema socialista está no fato de que os trabalhadores, libertos da exploração e da opressão, trabalham dando prova dum zelo consciente e de iniciativa criadora pela pátria e pelo povo, pela sociedade socialista e pela coletividade, pela sua própria felicidade. Na sociedade capitalista, os trabalhadores não sentem nenhum interesse pelo desenvolvimento da produção e da técnica, porque trabalham contrariados, sob a ameaça do desemprego e da fome, mas, na sociedade socialista, trabalham com entusiasmo para o desenvolvimento da produção, porque estão plenamente conscientes de que o fruto do seu trabalho é reservado para eles próprios, para o povo e para a pátria. Quanto mais o Partido e o Estado do proletariado, de acordo com as suas funções intrínsecas, intensificarem a revolução ideológica entre os trabalhadores e liquidarem, pouco a pouco, as reminiscências das ideologias caducas que subsistem no seu espírito, tanto mais eles trabalharão para desenvolver a produção socialista, consagrando-lhe todo o seu talento e toda a sua energia. É assim que não cessarão de produzir-se aperfeiçoamentos e inovações em todos os domínios, na gestão da economia, na organização da produção e do trabalho e no progresso técnico.

Tudo isto demonstra a inteira falsidade da teoria, segundo a qual, na sociedade socialista, as reservas gastas no aumento da produção diminuem constantemente e a produção não pode aumentar continuamente em grande

velocidade, à medida que a economia se desenvolve e que cresce a sua envergadura.

A falsidade desta teoria também é demonstrada explicitamente pela experiência prática da edificação do socialismo no nosso país.

Detenhamo-nos em primeiro lugar num fato passado na altura em que executávamos o plano quinquenal. Os membros do nosso Partido e os nossos trabalhadores acabavam então de completar com sucesso o plano trienal da economia nacional, restaurando assim no essencial a economia destruída e assegurando a vida do povo. A situação econômica do nosso país, no seu conjunto, era, contudo, muito difícil. Para mais, os inimigos do interior e do exterior desenvolviam uma enorme atividade com o intuito de atentar contra as conquistas da nossa revolução e de destruir a obra de edificação do nosso povo. Foi nestas circunstâncias que nos vimos perante a urgente tarefa de lançar, o mais rapidamente possível, os alicerces da industrialização com o objetivo de desenvolver a economia do país e de elevar o nível de vida do povo. E para tal, faltávamos uma grande quantidade de aço laminado.

Ora, havia então no nosso país apenas um único laminador de aço e a sua capacidade nominal era apenas de 60.000 toneladas. Como era preciso edificar cidades e aldeias, construir fábricas, fabricar mais máquinas, estas 60.000 toneladas de aço laminado não eram suficientes em relação às enormes necessidades.

O nosso Partido decidiu então ir ao seio da classe operária e discutir com ela de modo a ultrapassar esta difícil situação, seguindo o mesmo método que lhe tinha permitido vencer as dificuldades e os obstáculos ao depositar toda a confiança na classe operária e ao apoiar-se na sua força em todas as lutas revolucionárias difíceis do passado.

Mandatados pelo Comitê Político do Comitê Central do Partido, dirigimo-nos à Fábrica de Aço de Kangson. Ao perguntarmos aos quadros dirigentes desta fábrica se poderiam levar a produção de aço laminado a 90.000 toneladas, alguns de entre eles disseram que era difícil,

abanando a cabeça. Reunimos então os operários e dirigimo-nos a eles: Presentemente, acabamos de restaurar apenas a economia destruída. E, os elementos cisionistas levantaram a cabeça para se oporem ao Partido, os chauvinistas poderosos fazem pressão sobre nós e o imperialismo norte-americano e a clique fantoche de Syngman Rhee conduzem com frenesim uma campanha ruidosa em relação à "marcha para o Norte". Deveríamos por isso deixar-nos desencorajar e ceder face às grandes dificuldades surgidas na obra da revolução e da edificação? De modo nenhum. Acreditamos unicamente na classe operária, principal força da nossa revolução e só temos o vosso apoio. Não deveríeis, se é assim, ganhar alento e dar prova de fervor para impulsionar ainda mais a edificação da economia, produzindo em maior quantidade e construindo melhor, a fim de ultrapassar esta grave situação em que se encontra o nosso Partido?

Por desenvolvermos deste modo o nosso trabalho político, os operários de Kangson comprometeram-se a produzir 90.000 toneladas de aço laminado. Puseram-se positivamente em ação e lutaram, aperfeiçoando as máquinas e os equipamentos já existentes, suprimindo os obstáculos e, além disso, naquele ano produziram não as 90.000 toneladas, mas 120.000 toneladas de aço laminado. Atualmente, esta siderurgia de Kangson levou a capacidade de produção de seu ateliê de laminagem de aço ao nível de 450.000 toneladas, ou seja, um acréscimo de quase 8 vezes em relação à sua capacidade nominal.

Não só na Siderurgia de Kangson, mas em todos os ramos da economia nacional, em todas as fábricas e empresas, foram quebradas as antigas capacidades nominais e produziram-se grandes inovações, fizeram-se milagres dia após dia que espantaram o mundo inteiro, e a economia do nosso país progrediu com uma grande rapidez. Daqui resultou que o plano quinquenal que previa um acréscimo de 2,6 vezes no valor global da produção industrial foi realizado em dois anos e meio e que mesmo o plano de produção por índices, segundo a natureza dos principais

artigos industriais, foi realizado ou ultrapassado no seu conjunto em quatro anos.

No decorrer de 7 a 8 anos, após a realização do plano quinquenal até hoje, no nosso país, como a tarefa da revolução técnica geral foi vigorosamente impulsionada, foram criados numerosos ramos industriais novos, foi radicalmente aperfeiçoado o equipamento técnico da indústria e aumentou várias vezes a envergadura da produção. Se a "teoria" de certas pessoas, segundo a qual o ritmo de crescimento da produção baixaria à medida que aumentasse a envergadura da produção, fosse justa não teríamos podido assegurar, após a realização do plano quinquenal, um ritmo elevado de aumento da produção no nosso país. Ora, no nosso país, ainda que uma grande parte da acumulação tenha sido aplicada suplementarmente à construção da defesa nacional a seguir às manobras de agressão do imperialismo norte-americano, a economia não para de se desenvolver a um ritmo elevado mesmo durante o período do plano septenal. Sobretudo o plano da economia nacional para 1967, plano do primeiro ano de realização da decisão da Conferência do Partido que consistia em fazer avançar paralelamente à construção da economia a construção da defesa nacional, foi um plano exigente que previa um acréscimo de 12,8% no valor global da produção industrial em relação ao ano precedente. Mas, em 1967, ultrapassamos de fato em muito o plano e, por isso mesmo, aumentamos de 17% a produção industrial só num ano. Se não tivesse havido nesse ano os prejuízos de uma inundação inesperada, teríamos aumentado a produção industrial de mais de 20%. Isto resultou do fato do nosso Partido ter despertado o ardor consciente dos trabalhadores, reforçando a revolução ideológica entre eles, e de ter combatido resolutamente todas as ideias caducas que impedem o avanço do nosso movimento, a começar pela passividade e pelo conservantismo.

Citamos como exemplo a Mina de Songhung.

Em 1967, como os quadros da Mina de Songhung tivessem aparecido com um plano que dirigiram muito baixo,

o Conselho de Ministros persuadiu-os a elevá-lo um pouco mais, mas continuava sempre inferior à exigência do Partido. Por isso, com o objetivo de fazer um trabalho político entre os trabalhadores da Mina de Songhung, o Comitê Central do Partido convocou os chefes de seção e os quadros superiores desta mina e realizou uma reunião. Nesta reunião, dissemos-lhes que era necessário extrair uma maior quantidade de metais não ferrosos da Mina de Songhung a fim de aplicar devidamente a linha traçada pela Conferência do Partido, linha que consiste em fazer avançar paralelamente a construção econômica e a construção da defesa nacional. Imediatamente, os operários tomaram a resolução de extrair mais metais não ferrosos do que o Conselho de Ministros lhes tinha fixado. No fim de contas, produziram quase o dobro do que eles próprios tinham fixado no princípio para a produção de metais não ferrosos.

Temos um outro exemplo.

Como os funcionários do domínio da indústria das construções mecânicas pretendiam que as reservas estavam esgotadas no seu domínio, fomos, em 1967, à Fábrica de Construções Mecânicas de Ryongsong e levamos aí o fogo das inovações. Os operários empenharam-se e terminaram até 10 de Outubro, ou seja, dois meses e vinte dias antes do prazo, o plano anual que se reconhecia ser exigente e onde estava incluído o plano para o aumento da produção.

Também foram valorizadas importantes reservas, no decurso da luta pela execução do plano da economia nacional para o ano passado.

Como os imperialistas americanos conduziam furiosamente uma campanha a favor da guerra em consequência do incidente do navio "Pueblo", o Comitê Central do Partido apelou às fábricas e às empresas de todos os ramos da economia nacional para que completassem antes do prazo todas as tarefas de produção e de construção para o ano passado, e para que produzissem mais com a mão-de-obra, os materiais e os equipamentos que tivessem economizado.

Todas as fábricas e empresas aceitaram este apelo revolucionário do Partido; muitas fábricas e empresas, movidas pela sua ardente aspiração de expulsar os imperialistas americanos da nossa pátria e de unificar a pátria o mais rapidamente possível, propuseram que se lhes desse muito mais tarefas e cumpriram maravilhosamente a sua resolução.

Tudo isso mostra que se, seguindo a orientação sustentada pelo nosso Partido, se realizar um bom trabalho político para elevar a consciência política das massas, exaltar o seu ardor revolucionário e perfeição a técnica sem interrupção, pode-se desenvolver a economia de uma forma rápida e desejável, qualquer que seja a grandeza da sua envergadura.

A teoria segundo a qual as reservas da indústria diminuem e é impossível assegurar um ritmo acelerado de aumento da produção industrial, quando a indústria atinge uma certa etapa do seu desenvolvimento, não tem nada a ver com a teoria econômica marxista-leninista. A "teoria" segundo a qual uma economia de grande envergadura não se pode desenvolver rapidamente não é mais do que um sofisma de certas pessoas para justificar a impossibilidade dum desenvolvimento rápido da sua técnica e a estagnação da sua economia, em consequência de não terem educado os trabalhadores, apregoando a "liberalização" e o "desenvolvimento democrático" e, por isso, estes, fracos do ponto de vista ideológico, não trabalharam devidamente entregando-se aos prazeres.

Após o triunfo da Revolução Socialista de Outubro, Lênin enunciou, ao falar das tarefas imediatas do poder dos Soviéticos, essa célebre tese de que o poder soviético mais a eletrificação de todo o país, é o comunismo. Ainda que simples, esta tese de Lênin encerra um sentido profundo. Compreender corretamente essa tese e aplicá-la é, segundo creio, de uma grande importância para a edificação do socialismo e do comunismo. Que significa, pois, este poder soviético de que fala Lênin? Significa precisamente a ditadura do proletariado. Por isso significa que o Estado da

classe operária, prosseguindo a luta de classes e procedendo à revolução ideológica e cultural, deve transformar a consciência dos homens, elevar o seu nível técnico e cultural e cumprir a tarefa que consiste em transformar toda a sociedade em classe operária e revolucionarizá-la. O termo eletrificação significa que é preciso desenvolver altamente a técnica a tal ponto que seja possível automatizar todo o processo da produção, e que é preciso consolidar ao mais alto grau as bases materiais e produtivas da sociedade. Em conclusão, esta tese de Lênin indica-nos que o comunismo apenas será realizado quando, pelo reforço da ditadura do proletariado, se tenha cumprido a revolução ideológica e cultural e levado a bom cabo a revolucionarização de toda a sociedade e a sua transformação em classe operária e que, ao mesmo tempo, se tenham lançado bases técnicas e materiais suficientemente sólidas para poder obter forças produtivas muito elevadas para realização da revolução técnica.

Não se poderá desenvolver sem parar e a um ritmo acelerado a economia socialista nem edificar a sociedade comunista se se descuidar uma só destas duas exigências: a ditadura do proletariado e a revolução técnica, mencionadas por Lênin. Donde a necessidade de reforçar a ditadura do proletariado e de impulsionar energicamente a revolução técnica, a fim de edificar a sociedade comunista. Uma vez que Lênin deixou o mundo sem ter podido empreender, ele próprio, a edificação do comunismo, deveríamos dar uma interpretação correta a esta tese e pô-la em execução. Contudo, algumas pessoas não querem compreender e aplicar corretamente esta tese de Lênin. A fim de acelerar, no futuro, a edificação socialista a um ritmo ainda mais elevado, devemos opor-nos categoricamente ao oportunismo de direita no domínio da teoria econômica. Se não nos opusermos aos desvios de direita no domínio da economia, se enfraquecermos a ditadura do proletariado, se não procedermos ao trabalho político, se favorecermos o egoísmo individual nos homens e procurarmos pô-los em ação puramente à força de dinheiro, não podemos estimular o seu heroísmo coletivo nem a sua iniciativa criadora e, por

consequência, não podemos realizar com sucesso nem a tarefa da revolução técnica nem a da construção econômica. Se, seguindo a teoria do oportunismo de direita, não se conseguisse desenvolver a economia a um ritmo elevado, seria mesmo difícil dar trabalho a todos os homens e alimentá-los. E se fosse assim, quando poderíamos nós alcançar os países desenvolvidos e construir a sociedade comunista, onde se trabalha segundo as capacidades e se é retribuído segundo as necessidades, nós que tínhamos herdado da antiga sociedade forças produtivas tão atrasadas? Devemos rejeitar a teoria do oportunismo de direita; devemos defender firmemente as ideias revolucionárias do nosso Partido e a sua teoria sobre a edificação econômica e aplicá-las até ao fim, prosseguindo assim a nossa grande marcha até Chollima na edificação do socialismo.

2. OS PROBLEMAS DA FORMA DE MERCADORIA DOS MEIOS DE PRODUÇÃO E DA UTILIZAÇÃO DA LEI DO VALOR NA SOCIEDADE SOCIALISTA

Trava-se um debate, diz-se, entre certos economistas, sobre a questão de se saber se os meios de produção são ou não mercadorias, na sociedade socialista, e se a lei do valor age ou não no domínio da sua produção e de sua circulação.

Creio que não se deve considerar esta questão uniformemente. Na sociedade socialista, os meios de produção podem ser ou não mercadorias conforme o caso, e, por consequência, no caso de serem mercadorias, atua a lei do valor, e no caso de o não serem a mesma não funciona de fato. Porque a lei do valor é uma lei da produção mercantil.

Em que caso são então os meios de produção mercadorias e em que caso o não são? Para resolver corretamente esta questão, creio que é necessário, antes de passar à sua análise, saber claramente, primeiro que tudo, a natureza das mercadorias e a origem da sua produção.

Uma mercadoria é um objeto que se fabricou não para consumo próprio, mas para venda. Por outras palavras, nem

todos os objetos produzidos são mercadorias, mas apenas os que são produzidos com vista à troca. Como se pode compreender claramente por esse fato, para que os objetos produzidos sejam mercadorias: primeiro, deve haver uma divisão social do trabalho que leva a produzir objetos diferentes; em segundo lugar, deve haver, para um objeto, o vendedor e o comprador, o que, vendendo-o, perde a propriedade desse objeto e o que, comprando-o, obtém essa propriedade. Por outras palavras, para que tenha lugar uma produção mercantil deve haver uma divisão social do trabalho e uma diferenciação nas relações de propriedade dos produtos. Esta é a razão porque a produção mercantil não pode existir, nem no caso de não haver divisão social do trabalho, nem no caso de a propriedade não ser diferenciada e a forma de propriedade seria, por consequência, única.

A razão porque as relações mercadoria-dinheiro subsistem na sociedade socialista deveria ser igualmente explicada pela existência de uma divisão social do trabalho e de uma diferenciação da propriedade dos produtos. Como toda a gente sabe, na sociedade socialista, há não só divisão do trabalho, mas, mais ainda, essa divisão desenvolve-se cada dia mais acentuadamente. Mesmo no que respeita às relações de propriedade, se bem que a propriedade privada tenha sido suprimida e que as diversas formas económicas existentes, no início do período de transição, sejam progressivamente convertidas numa só forma económica socialista, no decurso da revolução socialista, existe a propriedade do Estado e a propriedade cooperativa dos meios de produção, e, portanto, a propriedade individual dos artigos de consumo. Além disso, o Estado socialista deve fazer comércio externo nas condições em que o comunismo não triunfou à escala mundial e em que existem fronteiras.

Tudo isso representa as condições da existência da produção mercantil na sociedade socialista. Claro que na sociedade socialista, a produção mercantil se faz sem capitalistas e, por consequência, a lei do valor não atua cegamente como na sociedade capitalista, mas numa medida limitada, e o Estado utiliza-a de um modo planificado

como uma alavanca econômica para melhor gerir a sua economia. No futuro, logo que o período de transição chegue ao fim e que a propriedade cooperativa passe ao sistema de propriedade de todo o povo e que seja estabelecida uma só forma de propriedade, então os produtos sociais deixarão de se chamar mercadorias, mas simplesmente meios de produção ou bens de consumo ou, ainda por outras palavras quaisquer, se nos abstrairmos do comércio externo. Nessa altura, a lei do valor deixará de atuar. Certamente, a divisão social do trabalho continuará a desenvolver-se mesmo nessa altura, mas a produção mercantil já não existirá.

Atualmente, muitas pessoas, de entre peritos e quadros dirigentes da economia, cometem erros de direita ou de “esquerda” tanto no domínio teórico como no trabalho de gestão da economia, porque não compreenderam bem a questão de se saber se os meios de produção são ou não mercadorias na sociedade socialista. Assim, alguns que seguem a teoria revisionista, sobrestimam a importância da produção mercantil e da lei do valor e cometem, deste modo, desvios de direita que consiste em querer gerir a economia por processos capitalistas, enquanto outros, ignorando o caráter transitório da nossa sociedade e não reconhecendo de modo nenhum a produção mercantil e o papel da lei do valor, não conseguem racionalizar a gestão da empresa cometendo assim erros de “extrema-esquerda”, que originam um desperdício considerável dos meios de produção e de mão-de-obra. É de grande importância para a construção da economia socialista ter uma compreensão exata desta questão e resolvê-la como deve ser. A questão da utilização das relações mercadoria-dinheiro é, em última análise, uma importante questão à qual o Estado da classe operária deve dar uma solução justa no período de transição do capitalismo ao socialismo. Se se cometerem erros de “esquerda” ou de direita nesta questão, isso poderá conduzir a graves perdas.

Em que casos os meios de produção são mercadorias e em que caso não o são, na sociedade socialista? O motivo também deve ser procurado na diferenciação da propriedade. Na sociedade socialista, mesmo que os meios de produção

se desloquem de um lugar para outro, não são mercadorias no caso de não mudarem de proprietário, mas são mercadorias no caso de mudarem de proprietário. Donde se conclui claramente:

Em primeiro lugar, quando os meios de produção fabricados nas propriedades do Estado passam a propriedades cooperativas e inversamente, quando os meios de produção fabricados em propriedades cooperativas passam a propriedades do Estado, são todos mercadorias e, portanto, a lei do valor atua aí. Em segundo lugar, os meios de produção que se trocam no quadro das propriedades cooperativas, quer entre as próprias quintas cooperativas, quer entre as próprias cooperativas de produção ou ainda entre as quintas cooperativas e as cooperativas de produção, são todos mercadorias, e também aí atua a lei do valor. Em terceiro lugar, os meios de produção são mercadorias logo que são exportados para o estrangeiro e que esta transação se faça ao preço do mercado internacional ou do mercado socialista. Por exemplo, as máquinas-utensílios que o nosso país vender a países como a Indochina e o Camboja, quando estes assim nos pedirem, serão mercadorias e deverão ser pagas pelo preço correspondente. Do mesmo modo, se se realizar ao nosso país uma confederação entre o Norte e o Sul de acordo com as propostas do nosso Partido para a unificação da pátria, ainda que atualmente não seja aplicada, e se os homens de negócios sul-coreanos nos pedirem máquinas e equipamentos, deveremos vender-lhos, e então, as máquinas e equipamentos que forem vendidos constituirão mercadorias e, também aqui, agirá forçosamente a lei do valor.

O que são então os equipamentos, os materiais e as matérias-primas que circulam entre as empresas do Estado? Não são mercadorias. Uma vez que estes meios de produção são fabricados com base na cooperação socialista na produção, o Estado socialista possui sempre a sua propriedade ainda que sejam transferidos de uma empresa para a outra, sendo estes meios de produção, fornecidos pelo Estado, não por venda livre, mas numa forma planificada, de

acordo com o seu plano de fornecimento de máquinas e materiais. Logo que ache necessário o Estado fornece às empresas máquinas e materiais, mesmo que elas não peçam, tal como fornece armas ao exército. Esta é a razão porque não se pode dizer que as máquinas e os equipamentos, os materiais e as matérias-primas, que circulam entre as empresas do Estado são mercadorias e que se realizam sob a ação da lei do valor.

Então, como se deve chamar a esses meios de produção que circulam entre as empresas do Estado, uma vez que não são mercadorias, e o que se deve utilizar em substituição da lei do valor para fixar o preço que se calcula no momento da troca, o preço de custo que se calcula no momento do seu fabrico, etc.? Seria correto dizer que os meios de produção que se trocam entre as empresas do Estado, segundo o plano de fornecimento de máquinas e de materiais e o plano de cooperação na produção não são mercadorias, mas que revestem a forma de mercadorias e que, por consequência, a lei do valor atua na forma, e não no conteúdo como na produção mercantil.

Isto é, estes meios de produção não são mercadorias no sentido próprio, mas revestem apenas a forma de mercadorias e, por consequência, não é no sentido próprio que se utiliza aqui a lei do valor, mas apenas na sua forma, e, na produção e na troca dos meios de produção, utiliza-se não o valor, mas a forma do valor, simplesmente como meio de cálculo econômico.

Mas então, por que se torna necessário explicar o fato de que os meios de produção ao serem objeto de transações entre as empresas do Estado não são mercadorias, mas revestem apenas a forma de mercadoria? Porque pertencendo as empresas do Estado à única propriedade do Estado, têm, no entanto, uma independência relativa, umas em relação às outras, como se fossem empresas pertencentes a diferentes propriedades. Cada uma das empresas de autofinanciamento do setor do Estado, ainda que propriedade do Estado, recebe de outras empresas, de acordo com o plano único do Estado, os meios de produção

que utilizará, e deve cobrir, ela própria, as despesas que fez para a produção e dar um certo lucro ao Estado.

Ainda que cada uma das empresas de autofinanciamento do setor do Estado pertença à mesma propriedade, esta independência de gestão cria a impressão de que os meios de produção que se transferem entre elas são mercadorias, como os meios de produção que são transferidos duma propriedade para outra. Por isso, se bem que se trate de empresas de autofinanciamento do mesmo setor do Estado, cada uma delas não cede a outra meios de produção pura e simplesmente, a título gratuito, nem a preço exagerado, mas sim a preços uniformemente fixados pelo Estado com base no trabalho socialmente necessário fornecido, segundo o princípio da compensação equivalente. Apesar disto acontecer entre as próprias empresas do Estado, a propriedade das coisas é tida em conta e a transação dos meios de produção faz-se com base numa conta rigorosa.

Porque será então necessário estabelecer, mesmo no quadro do setor do Estado, a independência de gestão nas empresas, e porque devem estas ceder e receber, entre si, os meios de produção, segundo uma conta rigorosa feita no princípio da equivalência, uma vez que estes meios de produção, trocando-se entre si, não constituem mercadorias? Isto diz respeito às características da sociedade socialista, sociedade transitória. Na sociedade socialista, as forças produtivas ainda não estão suficientemente desenvolvidas para que cada um trabalhe segundo a sua capacidade e seja retribuído segundo as suas necessidades. Além disso, nem toda a gente tem um espírito coletivista suficientemente elevado para proteger e manter os bens do Estado como se fosse propriedade sua, com um sentido de responsabilidade. Não é raro que mesmo pessoas muito instruídas não considerem como seus os assuntos de outros estabelecimentos ou empresas do Estado e não trabalhem com devoção para essas empresas, sem falar das pessoas com reminiscências de ideias caducas, que, fortemente impregnadas do egocentrismo, põem em primeiro plano os estreitos interesses do seu estabelecimento ou da sua região

com prejuízo dos interesses do Estado ou de outros estabelecimentos e empresas. Por outro lado, sob a sociedade socialista, o trabalho é considerado certamente como algo respeitável e agradável, mas ainda não se tornou a primeira necessidade como na sociedade comunista. Tudo isto exige que, sob o socialismo, as empresas ainda que pertençam todas à mesma propriedade do Estado, façam uma conta rigorosa, baseada no princípio da equivalência, nas transações entre si. Na nossa sociedade, se os artigos forem tão abundantes que os quadros gerentes e os trabalhadores de todas as empresas deixem de ter o egoísmo individual e considerem todos os bens do Estado como seus e participem zelosamente em todos os assuntos do Estado, como nos seus, já não será necessário proceder ao cálculo baseado no princípio da equivalência.

A utilização correta da forma de mercadoria e da forma de comércio nos domínios da produção dos meios de produção e da sua circulação é de uma certa importância para o aumento sistemático da rentabilidade das empresas e da acumulação do Estado, pela eliminação do desperdício de trabalho social e pelo reforço do regime de economia. É, portanto, necessário que todos os ramos da economia nacional e todas as empresas utilizem corretamente estas duas formas.

Antes de tudo, é preciso esforçarmo-nos por utilizar corretamente a forma do valor no domínio da produção dos meios de produção a fim de estabelecer um regime de conta rigoroso, de reforçar o controle por *won* sobre a utilização das matérias-primas, dos materiais e da mão-de-obra e de diminuir sistematicamente o nível de consumo de matérias por unidade de produto.

Também no domínio da circulação, é preciso utilizar suficientemente a forma de comércio, ao mesmo que é preciso conduzir judiciosamente o plano de fornecimento de máquinas e de materiais, com o objetivo de eliminar o desperdício de máquinas, de equipamentos e de matérias-primas, e fazer um uso racional deles. Se organizamos a companhia de fornecimento de materiais e fizemos vender e

comprar por seu intermédio os materiais e as matérias-primas, foi precisamente com a intenção de se assegurar um bom fornecimento.

Ora, os nossos funcionários econômicos não concordam com este ponto. Mesmo no manual de economia política, está simplesmente indicado que os meios de produção estão excluídos da esfera da circulação das mercadorias e que são fornecidos às empresas de um modo planificado, não se encontrando nada escrito quanto à via e à forma concretas pelas quais lhes são fornecidos os meios de produção. O manual de economia política quase não trata a questão do fornecimento dos meios de produção e não menciona sequer a questão da venda e da compra de materiais e de matérias-primas entre as empresas do Estado.

Daí os numerosos defeitos que se revelam no fornecimento de materiais. Quando as empresas procuram materiais ou matérias-primas, adquirem-nos logo que os encontrem, baratos ou caros, não se preocupando com o preço. Por outras palavras, acontece muitas vezes que certas empresas deixam acumular inutilmente materiais preciosos, enquanto outras empresas são prejudicadas na produção por falta desses materiais.

Na verdade, a causa deste fenômeno está no fato de o Comitê Nacional de Planificação não ter conduzido devidamente o plano de fornecimento de materiais, mas trata-se sobretudo, de não se dar conta de que o fornecimento de materiais e de matérias-primas se realiza igualmente sob a forma de comércio. Por outras palavras, os materiais e as matérias-primas realizam-se sob a forma de circulação das mercadorias, mesmo entre as empresas do Estado, uma vez que concorrem à forma venda-compra entre si, mas ignorou-se este fato. Assim, sempre que um organismo de planificação trace mal o plano de fornecimento de materiais, não se lhe atribui a responsabilidade pelo armazenamento inútil e pelo desperdício de materiais e, além disso, não se vê reprovar isto em parte nenhuma.

Se quisermos remediar corretamente este problema, é preciso, antes de tudo, melhorar a atividade das companhias

de fornecimento de materiais. Se as companhias de fornecimento de materiais funcionarem devidamente, já não haverá afluência de pessoas à procura de materiais, será possível utilizar eficazmente a menor quantidade de materiais por um fornecimento conveniente às empresas que precisam dele, e já não acontecerá que as empresas recebam, sem cálculo e indiferentemente, o que necessitam e o que não necessitam para deixá-lo inutilizado ou desperdiçá-lo.

Devemos ter em conta que logo que os meios de produção, tal como as máquinas, os equipamentos, as matérias-primas e os materiais, produzidos pelas fábricas e pelas empresas, passam de uma empresa para outra, permanecendo propriedade do Estado, servem-se da forma de circulação de mercadorias. Neste caso, trata-se do preço, o que permitirá corrigir, ao longo do fornecimento efetivo, os eventuais erros do plano.

Claro que na nossa sociedade tudo é produzido, fornecido e consumido de um modo planificado. E em particular, no caso da propriedade de todo o povo, a produção, o fornecimento e o consumo são completamente planificados. Mas não é nada fácil planificar corretamente todas as coisas. Aplicamos já há mais de 20 anos uma economia planificada e insistimos sempre para que o plano seja objetivamente elaborado, mas o trabalho de planificação ainda não caminha como deve ser.

Passa-se o mesmo com o plano de fornecimento de materiais e de matérias-primas. Acontece que uma coisa está omissa no plano e que outra, ainda que inútil, está prevista para que seja fornecida. Então, onde é que tais imperfeições devem ser reveladas? É na companhia. Quer dizer, é no decorrer da venda e da compra de materiais e de matérias-primas por intermédio da companhia que estas imperfeições devem ser suprimidas e corrigidas.

Mais ainda, mesmo que o plano de fornecimento de materiais esteja corretamente orientado no seu conjunto, tornar-se-á irrealizável se o fornecimento não for feito como convém na prática. Se se ignorar a forma de comércio, isto é,

a forma de compra-venda no fornecimento de materiais e de matérias-primas, e se se fornecerem simplesmente segundo o plano, poderá acontecer que as empresas desperdicem os materiais utilizando-os a torto e a direito. Tais coisas poderão acontecer frequentemente uma vez que nem todos os nossos funcionários e trabalhadores se tornaram já comunistas.

Por isso, deve-se realçar o papel das companhias e utilizar plenamente a forma de circulação das mercadorias no fornecimento de materiais e de matérias-primas. Assim, é preciso fazer com que, logo que uma empresa compre certos materiais em quantidade excessiva, se veja impossibilitada de comprar outros e que, quando os desperdice, se ressinta grandemente na sua atividade de exploração. Só quando forem criadas estas condições no fornecimento de matérias-primas e de materiais é que os quadros das empresas verificarão minuciosamente os preços dos materiais e as despesas de transporte, pouparão os materiais, guardá-los-ão e conservá-los-ão com mais cuidado e esforçar-se-ão por baixar o grau de consumo por unidade de produto na sua utilização de materiais.

Em seguida, gostaria de expor algumas opiniões respeitantes à questão da utilização correta da lei do valor na esfera da produção de mercadorias e da sua circulação.

O mais importante na utilização da lei do valor é fixar corretamente o preço das mercadorias. É preciso fixar o preço com base numa justa estimativa das exigências da lei econômica fundamental do socialismo e da lei do valor.

Na determinação do preço das mercadorias é preciso em primeiro lugar apoiarmo-nos estritamente no trabalho socialmente necessário gasto nelas. Se, na determinação do preço, não nos apoiarmos no trabalho socialmente necessário gasto, não poderemos manter o equilíbrio entre os preços nem aplicar corretamente a repartição socialista, o que poderá exercer uma influência nefasta no desenvolvimento da produção social.

Tomemos um exemplo. Passei uma vez num armazém dos arredores de Changsong, província do Phyonngan do

Norte. Na altura, um tecido de fio retorcido com 200 gramas de fio, custava naquele armazém 3 *won* o metro, enquanto que uma bobina de fio de 50 gramas custava 5 *won* e 40 *djeun*. Isto significa que uma bobina de fio custa duas vezes mais que o tecido que se fabricou com uma quantidade de fio equivalente a quatro bobinas de fio, após a torcedura, e que foi tingido. Certamente, eu creio que na fábrica da indústria local a fição exigiu muita mão-de-obra e um pouco mais de despesas com a produção, por falta de uma boa mecanização. Contudo, como o fio não se faz na roda de fição, o preço de custo não pode ser mais elevado que o do tecido. E mesmo que as despesas de produção fossem tão elevadas, não é razoável que se aumente o preço desta maneira extravagante, porque é impossível estabelecer o preço sem ter em conta o trabalho socialmente necessário gasto.

Em seguida, quando se trata de estabelecer o preço, é preciso fixar baixo o preço dos artigos de largo consumo. Como acabo de dizer, é preciso, sem dúvida, estabelecer o preço das mercadorias, tendo em conta o seu valor. Mas isso não significa necessariamente que não se possa afastar o preço das mercadorias do seu valor. O Partido e o Estado da classe operária devem fixar o preço dos artigos de grande consumo, afastando ativamente o preço das mercadorias do seu valor. Por outras palavras, os objetos indispensáveis à vida material e cultural do povo, tais como o arroz, os tecidos, o calçado, o mosquiteiro, as linhas de coser, os fósforos, os artigos escolares, devem ser vendidos a um preço baixo. Eis uma utilização judiciosa da lei do valor e que se ajusta à exigência essencial do sistema socialista que veste e alimenta todos os trabalhadores da mesma forma e que lhes assegura uma vida agradável.

Pelo contrário, se fixarmos alto o preço dos artigos de grande consumo, a superioridade do sistema socialista não poderá manifestar-se suficientemente e poder-se-á originar inconvenientes na vida do povo. Por exemplo, se se estabelecer um preço elevado para os tecidos de que os nossos habitantes têm grande necessidade, como o tecido

misto de *vinylon*, ninguém se poderá vestir convenientemente. Do mesmo modo, se os artigos escolares, tais como o manual, o lápis, o caderno, a pasta são caros, será impossível instruir as crianças devidamente, apesar de vigorar o sistema de ensino obrigatório.

Contudo, entre os nossos funcionários, existe a tendência de aumentar o orçamento financeiro do Estado através de uma alta injusta do preço dos tecidos e de outros artigos de grande consumo. Daí resulta que apesar de uma grande produção de tecidos, talvez de 20 metros por cada habitante, os trabalhadores não podem vestir bem as suas crianças porque não podem comprar a seu gosto os tecidos, dado o seu preço elevado. Diga-se de passagem que a causa principal porque o tecido não é distribuído em grande quantidade ao povo, está no fato do nosso país não produzir ainda diferentes espécies de tecidos a um preço baixo. Mas é preciso compreender que um outro motivo, não menos importante, porque os tecidos não chegam em grande quantidade ao povo, é a atitude errônea dos funcionários que querem assegurar, pela alta de preços dos tecidos, o rendimento do orçamento financeiro do Estado. Devido a estas atitudes errôneas dos funcionários, nestes últimos anos, o preço dos tecidos continuou a aumentar de uma maneira injusta.

Enquanto os nossos funcionários não abandonarem esta concepção e atitude de trabalho errôneas, será impossível melhorar rapidamente a vida do povo. Na realidade, acontece muitas vezes que os tecidos ficam por vender durante muito tempo devido ao seu elevado preço, para acabarem por ser vendidos a um preço baixo. No fim de contas, acontece que a vida do povo é prejudicada e que o rendimento do orçamento financeiro do Estado não é assegurado.

Por isso, mesmo com o risco de não aumentar o rendimento do orçamento financeiro do Estado, o nosso Partido e o nosso Governo fixaram uma certa taxa de desconto sobre o rendimento da circulação e velam por estabelecer um preço baixo para os artigos de grande consumo e por fixar um preço muito baixo sobretudo para as

mercadorias para uso das crianças, cobrindo apenas as suas despesas de produção. Também no futuro, este princípio deve ser continuamente mantido.

Pelo contrário, os artigos cuja quantidade da oferta é ainda limitada, tais como os gêneros de gosto pessoal, os artigos de luxo e os tecidos de qualidade para vestuário, devem ser taxados mais alto que os artigos de grande consumo, a fim de regular a procura. Quanto às habitações, é preciso estabelecer um aluguel segundo o mesmo princípio que para as mercadorias. Por exemplo, para uma habitação de uma ou duas casas com uma instalação vulgar deve-se fixar um aluguel baixo. Mas para uma habitação de pelo menos três casas com boas instalações, é preciso fixar um aluguel elevado, pois não há muitas habitações destas. Bem entendido, quando as nossas forças produtivas forem suficientemente desenvolvidas de modo a assegurarem convenientemente todas as mercadorias e todas as instalações procuradas pelo povo, já não será necessário tomar tais medidas.

Para estabelecer corretamente os preços das mercadorias é preciso unificar os preços. Examinando os preços parcialmente mal estabelecidos até ao presente, verifica-se que certos quadros dirigentes dos organismos econômicos, a começar pelo Comitê de Planificação e o Ministério das Finanças, ao considerarem que os artigos nas empresas da indústria local têm uma importância local, não estabeleceram o seu controle sobre a fixação de preços, mas puseram-nos ao encargo dos presidentes dos comitês populares de província. Por isso, tal como os comitês regionais de planificação foram criados e o trabalho de planificação foi unificado, é preciso que os preços sejam unificados na sua fixação para todos os artigos, incluindo os produtos nas empresas da indústria local, pela criação de comitês regionais de preços, e os organismos econômicos tais como o Comitê Nacional de Planificação, o Ministério das Finanças, o Comitê de Fixação de Preços devem reforçar o seu controle sobre o estabelecimento de preços.

3. OS PROBLEMAS DO MERCADO CAMPONÊS NA SOCIEDADE SOCIALISTA E MEIOS DE O SUPRIMIR

O mercado camponês é uma forma de comércio pela qual os camponeses vendem diretamente à população, num local determinado, uma parte dos produtos agrícolas e de criação de gado provenientes das explorações comunitárias das quintas cooperativas e da ocupação subsidiária privada dos camponeses cooperadores. Se bem que o mercado camponês seja uma forma de comércio existente na sociedade socialista, conserva numerosas reminiscências do capitalismo. Quais são então as reminiscências do capitalismo no mercado camponês? Essas reminiscências estão no fato de que o preço se determina espontaneamente consoante a oferta e a procura no mercado camponês, e, por consequência, a lei do valor atua aí cegamente em certa medida. O Estado não planifica a procura, a oferta e o preço no mercado camponês. Claro que a espontaneidade do mercado camponês sofre uma certa restrição à medida que o comércio do Estado se desenvolve e que o Estado reforça o seu papel de regularizador do mercado camponês, mas é impossível suprimir completamente o mercado camponês na fase do socialismo.

Originariamente, o termo *jang* (mercado) não se formou nem sob o sistema socialista nem sob o sistema capitalista, é um termo proveniente da sociedade feudal. O *jang* formou-se quando o artesanato se desenvolvia na época feudal. Desde tempos remotos, os Coreanos falam de mercador *jangsagun* que significa trabalhador do *jang*. Assim, o *jang* é uma forma antiquada de comércio, nascida na sociedade feudal. É a razão porque seria preferível, em princípio, que não houvesse mercado camponês, essa forma antiquada de comércio, sob o sistema avançado, socialista.

Mas sob o socialismo, o mercado camponês não pode deixar de existir, enquanto existir a economia cooperativa e a produção subsidiária privada e, por outro lado, a sua existência não é de todo má. Talvez certos camaradas pensem que o Estado deve mesmo comprar todos os

produtos de ocupação subsidiária e fornecê-los segundo um plano. É um erro, e na prática é impossível. É preciso fazer com que os produtos da ocupação subsidiária privada possam ser consumidos pelos seus próprios produtores e que estes possam vender livremente o excedente no mercado ou trocá-lo por outros produtos. A maior parte dos produtos de criação de animais e das plantas industriais das explorações comunitárias das quintas cooperativas, devem ser compradas pelo Estado, mas uma parte deve ser distribuída aos camponeses. Não é preciso obrigar os camponeses a vendê-los só aos intermediários, mas deve-se permitir-lhes que vendam livremente a quem quer que seja. Só assim será igualmente possível assegurar as comodidades da vida ao povo.

Nem mesmo no manual de economia política se escreveu corretamente sobre o mercado camponês. Que se lê lá? Diz-se apenas que o mercado camponês exerce uma influência negativa no desenvolvimento da economia comunitária e que favorece as ideias pequeno-burguesas e o egoísmo nos camponeses. E não se justificou a necessidade do mercado camponês na sociedade socialista, qual o papel que aí desempenha e quando pode desaparecer.

A subsistência da produção subsidiária e do mercado camponês, na sociedade socialista, é uma coisa boa e não má. Dado que o Estado ainda não pode fornecer suficientemente todos os artigos necessários à vida do povo, em particular, pequenos objetos de uso quotidiano, tais como a vassoura e a cabaça, assim como os gêneros alimentares secundários, tais como a carne, os ovos, o sésamo e o sésamo selvagem, que há de mal em que os indivíduos os produzam na sua ocupação subsidiária e os vendam no mercado? É evidente, que se trata de um processo atrasado, mas devemos utilizar mesmo os processos atrasados se os avançados não puderem resolver tudo.

Certos funcionários acreditam que a produção subsidiária e o mercado camponês não fazem renascer imediatamente o capitalismo, mas que a sua existência não vale a pena. Se déssemos um grande jardim agrícola aos

membros da quinta cooperativa, eles poderiam entregar-se à sua exploração individual, sem participar ativamente no trabalho comunitário, o que poderia encorajar os elementos capitalistas. Mas, o jardim agrícola dos nossos camponeses não ultrapassa algumas dezenas de *phyong*, e quanto à criação de animais individual praticada como uma ocupação subsidiária, não tem mais do que um ou dois porcos ou uma dezena de galinhas. Mesmo que um camponês cultive algumas plantas de tabaco no seu jardim agrícola, isso não constituirá uma exploração capitalista e mesmo que venda um pouco caro algumas galinhas no mercado camponês, não se transformará num capitalista.

Se, todavia, suprimíssemos pela lei o mercado camponês alegando que a produção subsidiária e o mercado camponês exercem uma má influência sobre a exploração comunitária e estimula o egoísmo, que aconteceria? Certamente que o mercado seria suprimido, mas subsistiria o mercado negro como sempre. Os camponeses andariam de cozinha em cozinha ou de ruela em ruela para vender as galinhas ou os ovos produzidos na sua ocupação subsidiária. Ao fazer isto, poderiam ser presos e, depois, condenados a multas ou repreendidos pela lei. Não se resolveria, portanto, nada pela supressão forçada do mercado camponês que, pelo contrário, causaria incômodos à vida do povo e provocaria inutilmente culpadas numerosas pessoas. Por isso, quando o Estado não se encontra em condições de produzir e fornecer em quantidade suficiente tudo o que é necessário à vida do povo, devemos precaver-nos contra o desvio de “esquerda” que consiste em querer suprimir à pressa o mercado camponês.

Mas então, quando serão suprimidos a produção subsidiária privada e o mercado camponês?

Primeiro, só desaparecerão quando todos os artigos de consumo de que o povo tem necessidade abundem graças à industrialização do país e a um alto desenvolvimento da técnica. Logo que se possa comprar no armazém do Estado qualquer artigo, não haverá ninguém que procure conscientemente comprá-lo no mercado camponês e, por

outro lado, tal artigo já não se venderá no mercado camponês. Suponhamos que as fábricas produzem em abundância fibras químicas baratas e de boa qualidade. Nesse caso, não iremos com conhecimento de causa ao mercado para comprar algodão caro e, mesmo que um certo número de camponeses queiram vender caro o seu algodão, não o conseguirão. Mesmo nas condições atuais as mercadorias que satisfazem a procura do povo, já não se vendem no mercado camponês e realizam-se a igual preço, em todos os cantos do nosso país, quer nas grandes cidades como Hamhung quer nas regiões montanhosas mais recuadas como Phothae-ri, situada ao pé do Monte Paektu. Deste modo, logo que abundem os artigos e que tenham preço único por toda a parte, isso equivalerá ao sistema de fornecimento.

Contudo, não devemos esquecer que as mercadorias que não satisfazem a procura do povo, são traficadas clandestinamente ou revendidas no mercado camponês mesmo que o Estado lhes tenha fixado uniformemente os preços. Dá-se este fenómeno quando se guardam artigos comprados no armazém para os revender caro logo que sejam procurados com urgência. Citemos como exemplo a venda de ovos. Construímos quintas de criação de galinhas em Pyongyang e noutros sítios e, presentemente, produzimos ovos aí. Mas ainda não produzimos o suficiente para fornecer devidamente o povo. Daí resultou uma diferença entre o preço do Estado e o do mercado camponês para os ovos, e acontece o tal fenómeno da revenda que se aproveita dessa diferença.

Não se pode de modo nenhum mandar para a casa de reeducação todo aquele que revendeu alguns ovos, qualificando-o delinquente. E, além disso, mesmo que quiséssemos fazer o controle por outro processo, apenas poderíamos tomar algumas medidas práticas tal como a regularização da quantidade de venda. Claro que é necessário tomar tais medidas, mas estas não poderão impedir, senão em certa medida, a concentração de mercadorias nas mãos de alguns indivíduos e nunca poderão

suprimir radicalmente a revenda no mercado camponês ou no mercado negro.

Para resolver este problema, é preciso produzir os artigos em abundância. Se se construir ainda mais quintas para a produção de ovos e se se produzir um número suficientemente grande de ovos para fazer face às necessidades do povo, desaparecerá o mercado negro dos ovos e o seu tráfico no mercado camponês extinguir-se-á por si mesmo. Deste modo, logo que o Estado faça face às necessidades do povo e elimine assim, uma após outra, as mercadorias que circulam no mercado camponês, finalmente já não haverá necessidade da sua existência.

Em segundo lugar, a produção subsidiária privada e o mercado camponês apenas desaparecerão quando a propriedade cooperativa for transformada em propriedade de todo o povo.

Como já referi nas *Teses sobre a questão rural socialista*, logo que se tenha convertido a propriedade de todo o povo elevando sem cessar o papel dirigente da propriedade de todo o povo face à propriedade cooperativa e conjugando organicamente estas duas propriedades, a venda e a compra no mercado camponês desaparecerão.

Uma das causas importantes da atual persistência do mercado camponês reside na existência da economia cooperativa e da economia de ocupação subsidiária privada ao lado da economia de Estado.

Por isso, logo que as duas propriedades se reúnam à única propriedade de todo o povo, a economia de ocupação subsidiária privada desaparecerá com o desenvolvimento das forças produtivas e, além disso, desaparecerá o mercado camponês e a circulação de mercadorias tornar-se-á em geral inútil. Nessa altura, os produtos serão distribuídos segundo um sistema de fornecimento. Agora, distribuímos alguns produtos de primeira necessidade, como o arroz, aos operários e aos empregados de escritório, segundo um sistema de fornecimento. Não é evidentemente um sistema de fornecimento resultante da abundância dos produtos nem igual ao que será efetuado nas condições da propriedade

única de todo o povo. É um meio de controle destinado a permitir às pessoas alimentar-se e viver num usufruto igual, em condições de escassez de abundância de produtos. Diferentemente do sistema de fornecimento que aplicamos hoje com o objetivo de efetuar um controle, o sistema de fornecimento dos produtos que aplicaremos quando as forças produtivas estiverem altamente desenvolvidas e as duas formas de propriedade estejam juntas à única propriedade de todo o povo, significa um sistema de fornecimento que visa assegurar ainda melhor ao povo os bens de consumo produzidos em grande quantidade de acordo com as diferentes necessidades.

Concluindo, só quando as forças produtivas estiverem desenvolvidas a tal ponto que o Estado possa produzir e fornecer em abundância todos os objetos procurados pelo povo, e que a propriedade de cooperativa se tenha tornado propriedade de todo o povo, é que o mercado camponês e o mercado negro desaparecerão e o comércio passará completamente a um sistema de fornecimento.

**PARA UMA GESTÃO CORRETA DA ECONOMIA
RURAL SOCIALISTA**

Ao participar nesta Assembleia Geral do Partido da Comuna, ouvi o relatório de atividades e as vossas intervenções. Discutiram muito com o fim de remediar as insuficiências reveladas no vosso trabalho em 1959 e de trabalharem melhor em 1960.

Na reunião foram emitidas muitas opiniões construtivas para fazer com êxito os preparativos dos trabalhos agrícolas, e mais ainda, foi feita uma boa crítica sobre um grande número de insuficiências que existiam anteriormente no trabalho do comitê de gestão. É de inteira justiça que na presente Assembleia Geral do Partido, tenhais feito uma crítica ideológica das insuficiências verificadas na gestão da cooperativa, em lugar de dar importância à discussão das questões técnicas respeitantes, por exemplo, à quantidade insuficiente de adubo que foi espalhado no ano passado, à cultura cerrada que não foi praticada, etc.

Existem muitos problemas a abordar na Assembleia Geral da Organização do Partido. Mas o mais importante é discutir do ponto de vista ideológico os erros no trabalho de direção e no trabalho de gestão e o trabalho do Partido. Além disso, para termos êxito nos preparativos dos trabalhos agrícolas, é necessário proceder previamente a uma crítica de tal natureza.

Seria muito bom que descobríssemos as insuficiências do nosso trabalho, as criticássemos e as corrigíssemos. É difícil trabalhar sempre bem. Por vezes podem-se cometer erros. A questão é saber corrigi-los sem demora.

Fazer continuamente a crítica das insuficiências no nosso próprio trabalho equivale a lavarmos a cara todas as manhãs. Se deixarmos a cara suja tal como está, sem nos lavarmos todas as manhãs, a sujidade continuará a acumular-se, provocará uma doença e, por fim, a deformação completa. Passa-se o mesmo com o nosso trabalho. Se não criticarmos e corrigirmos a tempo as insuficiências verificadas no trabalho, elas acumular-se-ão incessantemente e por fim atingirão um ponto em que serão irremediáveis. É preciso corrigir constantemente as insuficiências no nosso trabalho tal como lavamos a sujidade da cara.

Sem criticar quotidianamente as insuficiências do próprio trabalho, é impossível desenvolver continuamente este último. Estou muito satisfeito por terem feito uma boa crítica do vosso trabalho no decurso da presente reunião.

Após a Assembleia Geral do Partido da Comuna, seria bom prosseguir também a crítica no seio das organizações primárias do Partido e em cada equipe de trabalho e, do mesmo modo, seria útil que cada pessoa fizesse o exame do seu trabalho e a crítica dos seus erros.

Ao reunirmos as opiniões dos que falaram nesta Assembleia Geral, pode-se verificar a existência de algumas insuficiências sérias no vosso trabalho do ano passado.

Em primeiro lugar, um dos vossos defeitos reside no fato de não terem concentrado todos os esforços no trabalho agrícola. Eis o principal defeito que cometestes no vosso trabalho do ano passado.

Qual é o trabalho principal na cooperativa agrícola? É o trabalho agrícola. Por isso, a cooperativa agrícola deve concentrar todos os seus esforços no trabalho agrícola.

Contudo, em lugar de terem concentrado os vossos esforços no trabalho agrícola, estes foram dispersos em muitos outros empreendimentos. Como haveis dito nas vossas intervenções, foi criado um grande número de equipes de trabalho, tais como a equipe de trabalho para a

extração de óleo, a equipe de trabalho de piscicultura e outras semelhantes.

A vossa cooperativa não é nem uma cooperativa de extração de óleo, nem uma cooperativa de piscicultura, mas sim uma cooperativa agrícola. O presidente do comitê de gestão foi eleito não como presidente do comitê de gestão duma cooperativa de extração de óleo, mas presidente do comitê de gestão duma cooperativa agrícola. Porque se ocupam então de outros trabalhos, em lugar de se ocuparem dos vossos próprios assuntos?

Numa cooperativa agrícola todas as atividades devem estar subordinadas ao trabalho agrícola. A reparação das máquinas destina-se a servir a agricultura, a produção de estrume também se destina a servir devidamente a agricultura. Só quando a agricultura caminhar bem é que teremos cereais e palha em quantidade. Só então se poderão criar muitos porcos e vacas.

Ora, segundo um exame da repartição da mão-de-obra desta cooperativa, apenas cerca de 50% do conjunto da mão-de-obra foi destinado no ano passado às equipes de trabalho agrícola, que são as mais importantes, e o resto foi mobilizado para outras atividades.

Não quero com isto dizer que se deve suprimir completamente a equipe de trabalho de mecanização ou a equipe de trabalho de construção. É preferível reparar as máquinas agrícolas quer antes de emprender os trabalhos agrícolas, quer após tê-los terminado e, no caso da equipe de trabalho de construção é preciso primeiro fazer bastantes construções produtivas em lugar de construir habitações durante a estação agrícola. A equipe de trabalho de construção tem muitas coisas a fazer. Tem de preparar os campos, de construir devidamente os diques dos arrozais para evitar os prejuízos que causaria a inundação e abrir novos canais para converter os arrozais mal irrigados em arrozais bem irrigados.

Será bom construir habitações e o clube e o escritório do comitê de gestão, logo que todas as construções produtivas tenham sido concluídas, que a mecanização tenha sido

realizada no campo e que estejamos preparados para levar uma vida fácil. De que serve construir imediatamente o escritório do comitê de gestão e ter lá muitas reuniões? Hoje, o que é imperioso, é a construção produtiva destinada a facilitar o trabalho e a aumentar a colheita. É evidente que também é preciso construir habitações modernas e escolas. Mas, é preferível fazer estes trabalhos de construção aproveitando o tempo de lazer, fora da estação agrícola. Estes trabalhos não devem ser realizados durante as estações de sementeira ou de monda.

Provavelmente, no tempo da economia rural individual, os camponeses também não construíram nem repararam as suas casas em plena estação agrícola. Porque se organizam, pois trabalhos que não dizem diretamente respeito à agricultura quando se está tão ocupado com o trabalho agrícola na cooperativa onde há um grande número de membros do Partido, onde há a organização do Partido e onde o conjunto dos membros da cooperativa pensam e trabalham coletivamente? Porque as organizações do Partido dirigiram superficialmente o trabalho agrícola.

Diz-se que quarenta e tal pessoas foram integradas na equipe de trabalho de mecanização, o que é um grande efetivo. Na Coreia do Sul, uma fábrica que tenha mais de 40 empregados é provavelmente considerada uma grande fábrica. A maior parte das fábricas que existem atualmente na Coreia do Sul são pequenas fábricas artesanais que têm cada uma de 7 a 8 empregados.

Que teriam então estas 40 pessoas para fazer na equipe de trabalho de mecanização? Não foram chamadas aí para inventarem máquinas novas, mas para se ocuparem principalmente da reparação das máquinas. As reparações devem ser feitas durante o Inverno; no Verão toda a gente deve participar nos trabalhos agrícolas, à exceção de 2 ou 3 pessoas que ficarão na equipe de reparação, para se ocuparem da reparação das máquinas e dos utensílios que estiverem estragados. Do mesmo modo, a equipe de trabalho de construção deve consagrar-se inteiramente, no Inverno e na Primavera, à reparação de casas e a outros trabalhos, e,

no Verão, deve tomar parte no seu conjunto nos trabalhos agrícolas.

Diz-se que sob a direção da equipe de trabalho de extração de óleo, fabricais óleo para venda; mas não compreendo porque gostais de uma tal empresa como os pequeno-burgueses. Para extrair alguns quilogramas de óleo deixastes o campo em pousio. Que grande perda! Irem todos trabalhar para produzir mais uma tonelada de cereais é muito mais vantajoso do que fabricar alguns quilogramas de óleo. Não é assim?

Mesmo que procedeis à extração do óleo dando prova da vossa "inteligência", há muita gente que se ocupa da fabricação de óleo mesmo na vila de Kiyang. Deveis ocupar-vos da agricultura e concentrar aí os vossos esforços. Não deveis esquecer as vossas próprias tarefas.

Em segundo lugar, um grande defeito no vosso trabalho é que trabalhastes sem plano.

Mesmo no tempo da economia individual, os bons agricultores tinham o seu plano. Trabalhavam segundo um plano que lhes indicava quando tinham de laborar, o que tinham de semear, nesta ou naquela quantidade, em tal ou tal momento, quanto dinheiro tinham de gastar nisto ou naquilo, etc. Como se poderia então explorar, sem planificação, uma economia de grande envergadura que engloba 700 lares camponeses? É impossível gerir uma cooperativa sem plano.

A necessidade de elaborar devidamente o plano torna-se cada vez maior à medida que a envergadura das cooperativas agrícolas do nosso país vai aumentando. Quando as cooperativas foram organizadas pela primeira vez, eram de pequena envergadura e não compreendiam mais, cada uma, do que 30 a 40 lares camponeses, mas presentemente, compreendem pelo menos 100 lares, em geral 300, e existem entre as maiores cooperativas, algumas que compreendem mesmo mais de 1.000 lares. É absolutamente impossível gerir cooperativas tão grandes com cálculos de cabeça como no passado.

A planificação não é nada de extraordinário. Consiste em determinar os trabalhos a empreender no quadro da cooperativa e em prever o modo de repartir os fundos, os materiais e a mão-de-obra para executar esses trabalhos.

É preciso, antes de tudo, elaborar o plano de produção cerealífera, uma vez que se trata de uma cooperativa agrícola. É necessário estabelecer, para o ano em curso, um plano que preveja o volume global a produzir em toneladas de cereais e, portanto, a quantidade de arroz, milho e trigo, e também um plano para a criação de gado que preveja o número de porcos, vacas e coelhos a criar.

É preciso igualmente ter planos para os grãos, o estrume, a forragem, etc., que serão necessários para o cumprimento do plano de produção dos cereais e do plano para a criação de gado.

Em seguida, para assegurar a realização destes planos, é preciso repartir a mão-de-obra, a saber, tal ou tal número de braços na equipe agrícola, tal ou tal número de braços na equipe de criação e assim por diante.

Para o emprego de fundos comunitários na cooperativa é igualmente necessário estabelecer um plano que preveja, por exemplo, que soma será destinada à compra de máquinas agrícolas, que soma se destinará à construção de estábulos, etc.

É verdade que também estabeleceram planos, mas dado que esses planos não se ajustavam nada à realidade, é como se tivessem trabalhado sem nenhum plano. É preciso sem dúvida estabelecer planos, mas planos absolutamente corretos.

Para fazer planos corretos, é indispensável fazer um cálculo correto da mão-de-obra, dos instrumentos de trabalho, do adubo, da forragem e de tudo o que a agricultura tem necessidade. Se, no desejo subjetivo de obter o mais possível, apesar da capacidade insuficiente, nos propomos atingir objetivos elevados, a saber, dezenas de milhares de toneladas de cereais, 1.000 porcos, 500 vacas, etc., isso não

é mais do que pura ilusão. Tal plano nunca se poderá realizar.

Antes de tudo, é preciso calcular bem a sua própria capacidade. Mas, ao examinar o modo como se elaborou o plano até aqui na cooperativa, vê-se que foi fixado arbitrariamente, dizendo-se por exemplo que existem tanto de hectares de campos ou tanto de hectares de arrozais e que haveria tanto de toneladas de cereais a colher. Quando se faz agricultura segundo tal estimativa, acontecem casos em que nos vemos obrigados a semear os grãos sem ter espalhado o adubo por falta deste, casos em que não se pode transformar o adubo por falta de carros, mesmo se se dispões deles, e surgem igualmente casos em que temos falta de instrumentos agrícolas, mesmo rudimentares.

É preciso elaborar o plano depois de um cálculo correto: por exemplo, temos necessidade de tanta mão-de-obra, de estrume, de adubos químicos, de carros, de camionetas, etc., e temos tanto à nossa disposição, portanto, será possível executar tal plano ou então será preciso diminuir um pouco a sua amplitude.

Após se ter acabado o projeto do plano, é preciso submetê-lo à discussão coletiva. Deve ser discutido no comitê de comuna do Partido, nas organizações primárias do Partido, na Assembleia Geral do Partido da Comuna, e entre todos os membros da cooperativa, para que sejam ouvidas as suas opiniões.

As reuniões convocadas para discutir o plano não devem transformar-se em reuniões onde nos contentemos com o gritar hurras. É preciso verificar sem falta, por meio de números concretos com que objetivo tal plano foi estabelecido e em que fundamento se baseia para ser posto em execução.

O Estado também age com prudência quando elabora um plano. É após uma discussão séria, apoiada em bons dados, na Direção do Partido e após uma discussão com grande número de técnicos e de peritos, e depois, com um grande número de operários, que se submete o plano à discussão da

Assembleia Popular Suprema para o adotar como lei. Mesmo por tal processo, surgem muitas vezes erros e malogros.

O princípio é o mesmo tanto nos assuntos de Estado como nos assuntos da cooperativa. Para que a produção se efetue como deve ser é necessário primeiro estabelecer corretamente o seu plano. A discussão do plano é um dos trabalhos mais importantes da cooperativa. Por isso, os membros do Partido devem participar nele ativamente.

De quem é a culpa se o comitê de gestão não tem o seu plano? É certo que há uma grande falta da parte do presidente do comitê de gestão. Contudo, a falta foi cometida pelo presidente do comitê do Partido da comuna e por todos os membros do Partido. O Partido não pertence só ao presidente do comitê do Partido, mas a todos os membros do Partido. Os membros do Partido devem todos lutar ativamente para conduzirem com êxito a cooperativa e devem assumir a responsabilidade da boa ou má marcha dos seus assuntos. De que serve fazer-se este ou aquele reparo, depois de se ter falhado quando não se disse nada na altura da elaboração do plano?

Em língua chinesa a palavra Partido escreve-se "*dang*" que significa multidão. O Partido é literalmente uma organização em que militam em massa os seus numerosos membros e não apenas uma pessoa. É necessário conduzir a gestão da cooperativa através da organização do Partido.

Uma vez estabelecido o plano, ninguém o pode modificar a seu bel-prazer. Toda a gente deve prosseguir o seu trabalho apoiando-se neste plano.

Para que todos consigam executar o plano é necessário que cada um possua o seu próprio plano. O comitê de gestão deve elaborar o plano trimestral e também o plano mensal. Deve pôr em funcionamento um plano detalhado que preveja, por exemplo, a quantidade de adubos a dar a esta ou àquela equipe de trabalho, neste ou naquele mês, a quantidade de sementes a selecionar nesta ou naquela equipe de trabalho, os trabalhos de construção a terminarem até este ou àquele mês pela equipe de trabalho de construção que em seguida,

e a partir dum determinado mês, se ocupará dos trabalhos agrícolas.

Além do plano de trabalho do comitê de gestão, o presidente do comitê de gestão deve estabelecer o seu plano de trabalho. Ou seja, deve estabelecer um plano de trabalho que ele próprio deverá executar, plano esse que deve prever, por exemplo, a data de encontro com determinada pessoa para discutir este ou aquele assunto, a data em que visitará esta ou aquela equipe de trabalho e a data em que irá inspecionar esta ou aquela tarefa. Tal plano de trabalho não pode ser elaborado a longo prazo. É mesmo desejável estabelecê-lo para uma duração dum dezena de dias. Os chefes das equipes de trabalho devem ter cada um o seu próprio plano de trabalho.

Do mesmo modo, é necessário repartir por todos os membros do comitê de gestão tarefas concretas, segundo as quais cada um deles elaborará o seu plano de trabalho. Todos estes planos devem harmonizar-se. É assim que o conjunto dos trabalhos pode avançar com êxito.

Se gerirmos a economia de uma forma planificada, poderemos poupar muitas coisas, utilizar racionalmente a mão-de-obra, eliminar as flutuações nos negócios e controlar todos os ramos de uma maneira unificada.

Também devemos o rápido desenvolvimento do nosso país à planificação que aplicamos na economia, após a Libertação. Sem a aplicação da planificação na economia, não teríamos podido restabelecer e desenvolver num curto lapso de tempo, tão admiravelmente como hoje, a economia nacional do nosso país que tinha sido cruelmente arruinada no decorrer da guerra.

O mais importante para o desenvolvimento rápido da nossa campanha de cooperativização é a planificação da gestão da cooperativa. Uma das maiores faltas nas atividades do ano passado foi ter-se trabalhado sem plano. O Comitê Central do Partido, por altura da sua Sessão Plenária Alargada de Dezembro, também deu importância à questão da planificação da economia rural.

Em terceiro lugar, uma séria falta no vosso trabalho é o desperdício de mão-de-obra. É o resultado de uma má repartição da mesma. É necessário não se julgar que a mão-de-obra aumentou muito a seguir ao aumento da envergadura da cooperativa pela fusão de cooperativas. Como a envergadura cresceu, o volume de trabalho a fazer também aumentou.

Como vocês falaram muito nisso nas vossas intervenções, queria fazer uma breve explicação disso, contentando-me com a citação de alguns exemplos.

Plantaram feijão encarnado numa terra ceifada, mas lavraram-na logo com o pretexto de transformá-la em forragem; seguidamente lavraram-na de novo com o pretexto de fazerem uma horta. Que desperdício de mão-de-obra! Mais ainda, 30 a 40 pessoas estão ligadas à equipe de trabalho de mecanização para a criação de uma instalação de pouca importância, o que também constitui um desperdício de mão-de-obra. Depois, 66 pessoas estão incorporadas na equipe de criação de gado, o que constitui novo desperdício de mão-de-obra. Muitas pessoas estão igualmente colocadas na equipe de piscicultura. Será que se tem verdadeira necessidade de 8 pessoas na fecundação de ovos de peixe?

Também há muito desperdício de mão-de-obra devido a uma má organização das atividades desportivas e dos círculos. Como foram organizadas, em plena estação agrícola, competições de futebol, muitos jovens estiveram afastados por muito tempo dos trabalhos agrícolas. Além de não terem podido trabalhar, durante os 4 dias da competição de futebol, no principal centro da região, tiveram ainda de se preparar durante 16 dias consecutivos, para a dita competição. Em suma, estes jovens no vigor da idade ficaram completamente afastados dos trabalhos agrícolas, durante 20 dias.

Porquê organizar-se tal competição numa altura em que se deveria estar bastante ocupado? Na estação quente seria penoso tanto para os espectadores assistirem ao jogo, como para os futebolistas.

Quanto às atividades dos círculos, vale mais organizá-las no Inverno, altura que se está menos ocupado com os trabalhos agrícolas e em que a noite é mais longa. Ora, como as moças e as mulheres são levadas, sem mesmo repousarem durante a noite e em plena estação de monda, às sessões do círculo, em última análise só restam pessoas de idade para trabalharem normalmente.

Não é bom convocar sistematicamente as pessoas, com o pretexto de tal ou de tal conferência ou de tal ou tal curso em plena estação agrícola, e é também um grande desperdício de mão-de-obra que o presidente do comitê de gestão, depois de ter reunido quando muito bem entenda os chefes das equipas de trabalho, os retenha no local 3 ou 4 horas consecutivas.

Diz-se que há falta de mão-de-obra no campo, mas se for bem organizada poderá conseguir-se uma grande reserva. No campo há uma mão-de-obra razoável nas famílias que estão a cargo de operários e de empregados. Atualmente que toda a gente foi para Chollima para avançar, porque não se angaria a mão-de-obra das famílias a seu cargo no trabalho agrícola?

Se se mobilizar e distribuir bem a mão-de-obra e se se concentrar todos os esforços no trabalho agrícola, este ano, poderemos conduzir com êxito a agricultura e a nossa vida melhorará ainda mais.

Em quarto lugar, uma falha no vosso trabalho consiste na violação do princípio socialista da repartição. Já tinha posto a hipótese e tornou-se-me mais evidente depois de ter conversado convosco e de ter ouvido o relatório do grupo de direção que não seguis o princípio socialista da repartição. Não aplicar o princípio socialista da repartição na economia socialista é uma falta muito grave. Se não se corrigir tal erro, é impossível fazer valer a superioridade da economia cooperativa socialista.

A sociedade socialista é a primeira fase da sociedade comunista, mas é preciso distinguir o socialismo do comunismo. É certo que temos por objetivo final na nossa luta a edificação da sociedade comunista, ideal da

humanidade. Mas o comunismo só é realizável através do socialismo.

Para passar do socialismo ao comunismo, é preciso desenvolver mais as forças produtivas, produzir maior número de bens e, ao mesmo tempo, efetuar a transformação comunista da consciência do homem. Para que o comunismo se realize é preciso que os bens produzidos sejam abundantes a ponto de poderem satisfazer plenamente as necessidades do homem. Para que haja uma grande abundância de bens, é necessário que a técnica seja mais desenvolvida e a produtividade ainda mais elevada, de maneira a produzir-se muito.

Na sociedade comunista, a produção será completamente mecanizada e automatizada e desaparecerá a diferença entre o trabalho com prática e o trabalho sem prática, entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Consequentemente, poderemos então dar a cada um segundo a sua necessidade e fornecer-lhe tantos bens quantos deseje.

Mas, na sociedade socialista, as forças produtivas não atingiram ainda tal grau de desenvolvimento. Como a mecanização ainda não é aplicada completamente, existem presentemente muitas disparidades no trabalho. Em primeiro lugar existe uma grande diferença entre o trabalho leve e o trabalho pesado. A lavoura é mais dura do que a criação de galinhas e o trabalho no interior de mina mais duro do que o que se pratica no exterior. O que ainda é verdade é que o trabalho manual é mais duro que o trabalho de gabinete. Há igualmente grandes disparidades segundo o grau de prática no trabalho. Se uma pessoa, dominando a técnica, é capaz de produzir 100 peças de artigo numa hora, uma outra não consegue produzir nesse mesmo tempo mais do que 10 peças.

Se, apesar da existência destas disparidades, se aplicasse uma repartição igual para toda a gente, quem quereria então fazer o trabalho duro, quem se esforçaria por aprender a técnica, por dar provas de um espírito criador e por produzir mais bens? A partir do momento em que há

disparidades no trabalho, é preciso que as haja na repartição a fim de que a produção se possa desenvolver rapidamente.

Atualmente o importante para nós é desenvolver rapidamente e por todos os meios as forças produtivas e acelerar a mecanização e a automatização. Se todos os processos de produção forem assim mecanizados e automatizados, as diferenças entre o trabalho pesado e o trabalho leve desaparecerão por si mesmas, assim como as que existem entre o trabalho com prática e o trabalho sem prática. É nessa altura que se poderá aplicar o princípio comunista da repartição.

Existem ainda entre nós muitas ideias burguesas. A característica das ideias burguesas consiste em querer saber apenas dos interesses pessoais e ignorar os interesses da sociedade. Se se aplicasse a repartição igual para aqueles que ainda não se desembaraçaram completamente destas ideias burguesas, apareceria muita gente desejosa de viver sem trabalhar. Então a produtividade baixaria mais e a nossa vida tornar-se-ia mais difícil. É por esta razão que é absolutamente necessário aplicar o princípio socialista da repartição até ao momento em que a produção esteja inteiramente automatizada e em que as ideias burguesas tenham desaparecido completamente da consciência do homem.

Quando se vos perguntou o que era o princípio socialista da repartição, vocês responderam com justeza que se tratava de repartir por cada um o correspondente ao seu ganho. O princípio socialista da repartição consiste em repartir segundo a quantidade e a qualidade do trabalho realizado, ou, em termos mais fáceis, em repartir por cada um segundo o seu trabalho. Repartir uma grande parte por aquele que trabalhou e ganhou bastante, e uma pequena parte por aquele que trabalhou pouco e ganhou pouco, eis o princípio socialista da repartição.

Foi dito nas vossas intervenções que certos membros do Partido usufruíam de uma repartição considerável, se bem que não tivessem trabalhado como deve ser. Estes membros do Partido devem, por isto, sentir remorsos. Receber uma

parte sem ter trabalhado equivale a viver-se do trabalho dos operários e dos camponeses. O princípio socialista: “Quem não trabalha, não come!”, veio precisamente contra os exploradores. Não convém dar parte aos que não trabalham, mesmo que sejam capazes, e que querem viver do trabalho alheio.

Quem quereria, portanto, trabalhar se toda a gente se alimentasse e vivesse em pé de igualdade sem distinção entre os que trabalham e os que não trabalham? É um fato bastante evidente que toda a gente quererá ter tempos livres para a sesta e ocupar-se do trabalho mais fácil de executar. Se assim fosse, não se poderia construir fábricas, nem vencer na agricultura e seria impossível atingir-se o comunismo.

Para aplicar corretamente o princípio socialista da repartição, é necessário fazer-se uma avaliação rigorosa do trabalho realizado. É preciso avaliar o trabalho pesado distinguindo-o do trabalho leve, o trabalho com prática no sentido técnico, distinguindo-o do que não o é.

Os operários que trabalham frente ao alto forno ou os mineiros têm os salários mais elevados no nosso país, porque o seu trabalho é muito difícil.

Na cooperativa é igualmente necessário ceder-se uma parte muito maior àqueles que executam trabalhos duros. Avaliais insuficientemente o trabalho dos que se esforçam na monda, ao passo que o dos fabricantes de óleo e o dos membros da equipe de trabalho de mecanização é sempre avaliado a um dia e meio de trabalho, mas isto é uma violação do princípio socialista da repartição.

O comitê popular da região e o comitê de gestão devem discutir seriamente as normas de trabalho e traçar um quadro de normas padrão. Estas regras não devem ser estabelecidas em gabinete por uma pessoa. Devem ser discutidas na Assembleia Geral do Partido e decididas na Assembleia Geral dos membros da cooperativa. Os chefes da equipe de trabalho, tendo por base estas normas, devem avaliar corretamente o trabalho realizado pelos membros da cooperativa.

Ao mesmo tempo, deveremos tomar medidas positivas para estimular mais o zelo dos membros da cooperativa pela produção, apoiando-nos firmemente no princípio socialista da repartição. Era conveniente estudar um sistema especial de distribuição de preços para aqueles que ultrapassam o plano de produção.

Suponhamos que uma equipe de trabalho de 50 pessoas está encarregada de trabalhar 50 hectares de arrozal e 50 hectares de campo e que o Estado espera que ela produza 4,5 toneladas de arroz por hectare nos arrozais e 2 toneladas de milho por hectare nos campos. Se, neste caso, os membros da equipe de trabalho, dando provas de entusiasmo e de espírito criador no trabalho, chegarem a produzir 5,5 toneladas de arroz por hectare e 3 toneladas de milho por hectare, o que ultrapassa em muito o rendimento previsto pelo Estado por cada hectare, o imposto em espécie e os encargos de utilização das águas de irrigação só devem ser cobrados sobre a recolha que tenha sido prevista e 50 toneladas de arroz e 50 toneladas de milho produzidas a mais, em relação ao plano, serão repartidas entre os membros da equipe de trabalho. Se se proceder assim, a equipe que trabalhe bem beneficiará, além da parte que lhe vem diretamente da cooperativa, duma parte suplementar correspondente ao trabalho realizado para lá do plano. Se se proceder assim, nascerá um estímulo entre as equipes de trabalho que as fará produzir mais, aumentando ainda mais a produção.

Há já muito tempo que tenho esta ideia e que pedi ao Ministério da Agricultura que elaborasse regulamentos para isso, mas ainda não foram elaborados. Seria bom experimentar primeiro na prática em lugar de fatigar o cérebro na invenção de regulamentos. Era conveniente que experimentásseis primeiro e que, nessa base, fossem redigidos regulamentos codificados para o futuro.

Se se fizer assim pode ser que o presidente do comitê de gestão se proponha a descer a uma equipe de trabalho, renunciando às suas funções de presidência. Contudo se o presidente do comitê de gestão trabalhar bem e se todas as

equipes de trabalho ultrapassarem o plano, o Estado poderia atribuir-lhe um prêmio.

Alguns perguntaram o que poderá o Estado ganhar com isso. O Estado deseja que todos os camponeses levem uma vida folgada. O fato dos camponeses se tornarem ricos equivale a que o próprio Estado se torne também rico. Se os camponeses levarem uma vida folgada e se os víveres abundarem no nosso país, será um grande ganho para o Estado.

A seguir, quero aconselhar-vos a reduzir um pouco o número das equipes de trabalho.

Há 16 equipes de trabalho agrícola, 3 equipes de cultura hortícola e 2 equipes de cultura de algodão que constituem para já 21 equipes de trabalho, e se lhes juntar as equipes de criação de gado, de piscicultura, de mecanização e outras, o seu número total ultrapassa em muito 20. Seria conveniente reduzir o número das equipes para 9 ou 10 e, em contrapartida, aumentar o número das subequipes de trabalho.

É certo que se trata de uma questão que necessita de um estudo mais profundo, mas, a meu ver, uma equipe de trabalho seria suficiente para uma aldeia. Se o presidente do comitê de gestão quiser entreter-se durante uma hora com cada um dos 20 e tal chefes das equipes de trabalho, ser-lhe-ão precisas as 24 horas do dia. Não teria tempo nem para comer, nem para dormir. É provavelmente por esta razão que o presidente do comitê de gestão é alcunhado de "motocicleta". Esta alcunha de "motocicleta" significa que ele corre continuamente de um lugar para outro a fim de solucionar as questões, mas que, por outro lado, se aproveita desse contínuo vaivém como forma de se furtar ao trabalho. Se ele continuar a correr assim, as coisas não poderão andar bem. Não se deve, por isso, confiar o trabalho de direção aos vice-presidentes. Isso equivaleria a criar uma outra instância de direção que seria inútil. O presidente do comitê de gestão deve dirigir pessoalmente os chefes de equipe de trabalho.

Não é recomendável que o presidente do comitê de gestão convoque muitas vezes os chefes de equipe de

trabalho separando-os das massas, com o pretexto de que existem muitas equipes de trabalho, em lugar de as ir visitar pessoalmente. Também não é justo que o estatístico chame os chefes de equipe de trabalho para fazer as suas estatísticas. Como o presidente do comitê de gestão alcançou o título de "motocicleta" é recomendável que o estatístico percorra incessantemente os locais de trabalho para que possa obter o título de "bicicleta", cumprindo com a missão de estatístico.

Se for muito difícil dirigir pessoalmente as equipes de trabalho que são em grande número, o melhor seria reduzir o número dessas mesmas equipes.

A criação de porcos pode também ser feita pela equipe de trabalho agrícola e não apenas pela equipe de criação de gado. Caso as forragens abundem este ano, graças a uma boa ceifa, seria preferível fazer-se a criação de porcos de uma forma dispersa, em cada equipe de trabalho, em lugar de os criar coletivamente.

Quanto à equipe de criação de gado bastará criar apenas porcas para a produção de leitões que criará até ao desmame e serão distribuídos a seguir às equipes agrícolas. É inútil separar as equipes agrícolas da equipe de criação de gado. Durante o seu trabalho de sacha e de ceifa, as equipes agrícolas poderiam enviar alguns dos seus membros ceifar feno no seu regresso para que possam ao mesmo tempo criar porcos. Sessenta e seis pessoas na equipe de criação de gado é demasiado. É um efetivo que equivale a mais ou menos ao número de operários duma pequena quinta de criação de gado do Estado.

É inútil ter-se uma equipe de piscicultura. Também não é necessário, ao que parece, ter-se uma equipe de trabalho especial para a cultura do algodão. Bastará constituir no quadro da equipe agrícola uma subequipe que se ocupará essencialmente da cultura do algodão. Isso favorecerá a utilização racional da mão-de-obra e será igualmente favorável à aplicação dum sistema de prêmios de seguro em cada equipe de trabalho. Não estou ao corrente da situação

concreta noutras regiões, mas parece-me preferível que se proceda assim na região de Kangso.

Em relação ao trabalho agrícola deste ano vou falar seguidamente da produção de estrume e da mecanização da economia rural.

A tarefa importante que se põe de imediato no trabalho agrícola é a produção de estrume e o seu transporte. O nosso país não se encontra ainda em estado de produzir em grande quantidade diferentes adubos químicos. É aliás impossível fertilizar convenientemente a terra só com a ajuda dos adubos químicos. Por isso, torna-se absolutamente necessário produzir estrume composto de matérias orgânicas.

O importante para se produzir estrume em grande quantidade é desenvolver a criação de gado. Se em cada casa se criarem dois porcos por ano, será possível produzirem-se 6 toneladas de estrume. Segundo a afirmação de certos peritos, é possível obter-se 4 toneladas de estrume de boa qualidade juntando um pouco de pedra calcária e de apatita a uma tonelada de estrume originário de pocilgas, que se mistura com a terra deixando-se em seguida apodrecer. Através deste processo de produção de estrume, poder-se-á obter 24 toneladas de fertilizante orgânico de boa qualidade com a criação de 2 porcos.

Não há terra ruim. Se se espalhar muito estrume, a terra tornar-se-á fértil e dará um rendimento elevado por cara hectare. Por conseguinte, a questão consiste em lançar-se o mais cedo possível, as bases da criação de gado. Se este ano criarmos bastantes porcos, vacas e coelhos e se assim conseguirmos espalhar adubos em quantidade suficiente nos arrozais e nos campos, poderemos produzir cereais em quantidade e resolver o problema das forragens. Desde que a criação de gado seja bem conduzida, fornecer-nos-á carne, estrume, tornará a terra fértil e tornará maior o seu rendimento.

Para se desenvolver a criação de gado, é necessário criar a base de forragem. É muito difícil obter-se forragem da montanha. Segundo a linha de conduta já promovida pelo

Partido, proceder-se-á a duas culturas anuais nos arrozais; poder-se-á cultivar igualmente plantas de forragem nos campos onde em seguida será cultivado o algodão.

Será preciso semear o trigo, a cevada e outros, como primeiras culturas, nas terras dos arrozais e recolhê-las antes da transplantação quando ainda estiverem verdes, para servirem de forragem. Na Sessão Plenária de Junho do ano passado ficou decidido praticarem-se duas culturas anuais, mas o Ministério da Agricultura não executou esta decisão. O que for decidido pelo Partido deve ser infalivelmente executado.

A criação de gado não pode ser separada da agricultura. Deve ser mais desenvolvida não só para obter carne, mas também para ter o estrume necessário à agricultura.

Já muitas vezes sublinhei a mecanização da economia rural. Mas gostaria de falar disso resumidamente uma vez mais.

Os nossos camponeses levaram uma vida muito difícil no tempo da economia rural individual. Se organizamos as cooperativas, foi ao fim e ao cabo para melhorar a nossa vida. Para se poder levar uma vida folgada é necessário produzir muito. As forças que produzem, isto é, as forças produtivas, devem aumentar mais, a fim de que possam produzir muito. Para que as forças produtivas aumentem é necessário mecanizar a economia rural.

Mas, a mecanização da economia rural não pode ser realizada numa manhã. É preferível que se conduza cada tarefa à medida da sua capacidade. Se atualmente quiserdes fabricar grandes máquinas tais como o trator ou a ceifeira-debulhadora, isso é absolutamente impossível. Estas grandes máquinas devem ser construídas pelo Estado que as enviará para o campo.

Seria conveniente que a fábrica de instrumentos agrícolas da província fabricasse reboques para tratores e caminhões, ceifeiras de tração animal, semeadoras mecânicas, debulhadoras, etc., e que as fábricas de instrumentos agrícolas da região produzissem máquinas de

tração animal simples e instrumentos agrícolas, tais como o arado, a pá e a enxada.

Quanto à cooperativa, faria bem em consagrar os seus esforços principalmente à reparação de utensílios usuais e de máquinas agrícolas que não sejam tão complexas. É certo que ela própria poderia produzir instrumentos agrícolas simples, tais como a enxada, o foicinho, etc., se for capaz disso, mas seria conveniente que os instrumentos de que a cooperativa necessita, fossem fabricados e fornecidos pela região. Em todo o caso, deve constituir uma tarefa essencial da cooperativa a reparação dos instrumentos agrícolas e o fabrico de utensílios simples valorizando assim os materiais de que dispõe.

Para maior aceleração da mecanização, é necessário produzir em grande quantidade pequenas e médias máquinas agrícolas de tração animal, tais como o sachador e a ceifeira de tração animal, a charrua, etc., assim como as grandes máquinas agrícolas modernas.

É igualmente necessário o aperfeiçoamento contínuo dos instrumentos agrícolas. Quanto ao arado, convém produzir em grande quantidade, o arado aperfeiçoado. Além da introdução de máquinas de tração animal, um pequeno aperfeiçoamento dos velhos instrumentos poderá provocar um alto rendimento no trabalho. Como foi dito nas vossas intervenções, graças a uma boa lavra, poder-se-á aumentar a colheita com muito menos mão-de-obra do que no caso de uma monda penosa.

Sem se aumentar o rendimento do trabalho, não poderemos aumentar a colheita, da mesma forma que não nos é possível levar uma vida melhor caso não ganhemos bastante. Segundo o cálculo que fiz nestes dias, cada um de vós ganha em média por ano aproximadamente 1500 *won*. Trata-se também, neste caso, dum total demasiado fraco em comparação com o valor da produção, por cada operário, nos países desenvolvidos.

O que ganhastes no ano passado não vai além de metade do que os nossos operários ganharam. Devereis ganhar o dobro do ano passado para alcançardes os operários.

A palavra de ordem apresentada este ano pelo Partido consiste em produzir mais, utilizando eficientemente a mão-de-obra e as instalações existentes. O importante no campo é igualmente o aumento do rendimento do trabalho para ganhar mais. Para isso, é necessário praticar uma produção planificada, organizar racionalmente a mão-de-obra de forma a não desperdiçar e mais ainda, é necessário aperfeiçoar os instrumentos agrícolas e acelerar mais a mecanização.

É preferível que a cooperativa invista tantos fundos quanto possível na compra de instrumentos agrícolas, tais como os sachadores de tração animal, debulhadoras, arados; deve também fornecer-se de suficientes sachadores de mão, enxadas, foicinhos, etc.

Segundo a decisão da Sessão Plenária Alargada de Dezembro do Comitê Central do nosso Partido, a mecanização será aplicada primeiro na província de Phyongan do Sul. O Estado fornecer-vos-á prioritariamente os tratores e os caminhões. A tarefa que vos incumbe consiste em amansar os terrenos a fim de que estes tratores deem plena prova da sua potência e aumentar o valor de funcionamento destes mesmos tratores.

É igualmente necessário aumentar ainda mais o valor de funcionamento dos tratores e das charruas. Não basta produzir-se estrume, é preciso transportá-lo a tempo para os arrozais e para os campos.

Seguidamente, gostaria de vos falar do trabalho do comitê de gestão. Muitos camaradas criticaram o trabalho do comitê de gestão. É certo que existem muitas insuficiências no trabalho do comitê de gestão.

A maior falha consiste no fato do pessoal do comitê de gestão não ter suficiente sentido das responsabilidades.

O Partido e o Estado encarregaram todos os quadros do comitê de gestão, a começar pelo seu presidente, da importante missão de mobilização dos camponeses para a perfeita aplicação da política do nosso Partido. O Estado confiou ao comitê de gestão os bens da cooperativa e um grande número de máquinas, tornando-o inteiramente

responsável pela boa organização da produção e pelo melhoramento da vida do povo. A questão de saber se os membros da cooperativa gozarão ou não de uma vida melhor, se o campo do nosso país se transformará rapidamente num campo socialista rico e moderno depende muito dos esforços do pessoal da gestão. Contudo, o pessoal da gestão esquece esta importante responsabilidade que lhe cabe. O povo elegeu o presidente e os membros do comitê de gestão concentrando neles uma grande esperança. Por consequência, o pessoal da gestão deve ter uma alta consciência enquanto verdadeiro servidor do povo, deve estudar o seu trabalho e regular todas as tarefas com o sentido de responsabilidade.

Mas, o pessoal da gestão apenas quer forçar as massas de uma forma burocrática e, quando o trabalho da cooperativa não corre bem, toma uma atitude muito injusta no seu trabalho, delegando a responsabilidade ora nos seus superiores, ora nos seus inferiores. Se os trabalhadores responsáveis passarem noites a ler livros e a estudar o seu trabalho, é porque estão conscientes da pesada responsabilidade que têm perante o povo. Uma vez assumida a responsabilidade de uma tarefa perante o Partido e o povo, deve-se estudá-la e executá-la com inteiro sentido de responsabilidade.

O pessoal do comitê de gestão não tem suficiente sentido de responsabilidade e encontra-se profundamente imbuído pelo burocratismo e pelo formalismo. Se se quiser trabalhar com sentido de responsabilidade e não de uma maneira formalista deve-se estar, antes de tudo, bem ao corrente das tarefas da cooperativa. Se refletirmos sempre profundamente no nosso trabalho, se o dissecamos e estudamos, entregar-nos-emos naturalmente a ele.

Mas, presentemente, o pessoal da gestão ignora quanta mão-de-obra e quantos utensílios existem na cooperativa e, sem folhear os documentos, não sabe o número de vacas, nem o número total de impostos pagos em espécie. Por consequência, é inútil dizer que ele não sabe bem, neste

momento, como vão os trabalhos e quem trabalha e como trabalha.

Para conhecer bem o trabalho de que se é responsável, deve-se entrar em contato com as massas e escutá-las. Se nos esforçarmos sempre por ouvir a voz das massas, mantendo-nos em contato com os chefes de equipe de trabalho, interrogando os que trabalham devidamente e conversando com o maior número possível de pessoas, poderemos saber quem trabalha bem e quais são as preocupações das massas. Tornamo-nos ignorantes do estado das coisas porque, também na altura das reuniões, temos o hábito de nos contentarmos em dizer simplesmente o que queremos, sem nos preocuparmos em escutar os outros, e de impormos as nossas opiniões aos subalternos sem ouvirmos as suas.

Como o comitê de gestão trabalha deste modo de uma maneira subjetiva e sem consultar as massas, o trabalho não pode avançar. Finalmente os subjetivistas cometem erros de burocratismo, porque não fazem senão impor aos outros o seu ponto de vista subjetivo, sem ter em conta o que convém ou não à realidade objetiva e indiferentemente ao que os outros pensem disso.

É certo que é bem possível que o próprio pessoal de gestão sugira ideias novas e as aplique. Mas é absolutamente necessário verificar se estão de acordo com a realidade. Para isso, é preciso trabalhar depois de ter consultado devidamente os subalternos e depois de ter examinado a sua situação. O método de trabalho que consiste em dar ordens aos subalternos, duma forma irrefletida, é um método de trabalho burocrático que ainda não se desembaraçou das rotinas caducas do passado.

Parece que o camarada presidente do comitê de gestão desta cooperativa ainda não conseguiu abandonar o estilo de trabalho burocrático que tinha anteriormente, ao assumir a função de presidente do comitê popular do cantão; deve corrigi-lo sem falta. É necessário que todos os camaradas o ajudem ativamente a corrigir este estilo de trabalho burocrático.

Para ser presidente do comitê de gestão da cooperativa agrícola, deve-se necessariamente saber bastante de agricultura. Se o presidente mostrar grandes ares, o trabalho não avançará.

Quem não souber combater não poderá ser oficial, mesmo que use uniforme militar e estrelas nos ombros. Se um oficial não souber combater, são antes de tudo os soldados que não o admitirão. Da mesma forma, não é razoável pedir aos camponeses que reconheçam como presidente do comitê de gestão, ou como chefes da equipe de trabalho, pessoas que não saibam cultivar a terra. Assim como os soldados chamam ao oficial que não sabe combater, "partidário do chapéu mole", não é por acaso que um homem que não sabe de agricultura, como o camarada presidente do comitê de gestão, aqui presente, é alcunhado de "mestre de escola". Vai uma grande distância do mestre de escola ao presidente do comitê de gestão.

Para ser presidente do comitê de gestão, é preciso ter conhecimentos sobre o solo, nomeadamente é necessário saber quais os adubos que convêm aos diferentes tipos de solo, como melhorar um solo que contenha muito destes ou daqueles elementos, é necessário possuir conhecimentos básicos sobre as plantas e os animais, assim como conhecimentos sobre as características das máquinas agrícolas, tais como os tratores, as ceifeiras-debulhadoras, etc. Também é preciso aprender os métodos de organização da mão-de-obra e os métodos de direção de massas.

Não há ninguém que tenha nascido sábio. Toda a gente tem que aprender. Tudo irá bem quando se aprender uma coisa após a outra. Não há razão para que só o que trabalhou a terra possa ser presidente do comitê de gestão. Toda a gente o pode ser desde que aprenda.

Como aprender? É preciso aprender junto das massas. Não se pode aprender sem penetrar nas massas. Os camaradas aqui presentes são todos mestres em agricultura. Ao ensinar aos camponeses o que sabe, o presidente do comitê de gestão deve aprender humildemente com eles agricultura. No início, não foi o desconhecimento da indústria

e da técnica que impediu os quadros de conduzirem a luta revolucionária no passado e de dirigirem esta mesma indústria. Ninguém tinha experiência da gestão de uma fábrica. Apesar disso, aprendendo desde o princípio, gerimos as fábricas e dirigimos a economia do país.

O fato dos quadros aprenderem junto das massas, não significa que seja permitido a toda a gente tirar a conclusão a seu modo para criar um estado anárquico. É sempre o presidente do comitê de gestão quem deve formular a conclusão. Para que possa tirar uma conclusão justa deve ter conhecimentos de agricultura, de criação de gado, e ainda conhecer as condições reais da cooperativa. Para estar ao corrente da situação na cooperativa, deve consultar assiduamente os camponeses e aprender muito com eles.

Depois das consultas, o presidente do comitê de gestão deve fazer uma análise minuciosa a fim de distinguir a boa da má opinião, qual a opinião aprovada por maioria e qual a rejeitada por maioria, quais os lados bons verificados pelos que são a favor e quais os lados maus verificados pelos que são contra. Ser-lhe-ia inútil consultar os outros, se se contentasse em dar as suas opiniões, sem escutar seriamente as opiniões dos outros. Claro que a resolução final não pode ser confiada a outrem. É o presidente do comitê de gestão quem deve tomar uma resolução, baseando-se na política do Partido depois de ter tomado seriamente em consideração todas as opiniões. Eis o método para dirigir as massas, aprendendo com elas.

A fim de que o comitê de gestão possa conduzir devidamente o seu trabalho, os seus membros e os chefes de equipe de trabalho devem ajudar ativamente o presidente no seu trabalho. Este não pode conduzir os trabalhos sozinho e, mais ainda, não deve fazê-lo. É preciso que nos consultemos uns aos outros e que nos ajudemos mutuamente. As coisas andarão mal se deitarmos a responsabilidade de tudo quanto for malfeito para cima do presidente do comitê de gestão, da mesma forma que irão mal se, por sua vez, o presidente do comitê de gestão atribuir a responsabilidade de tudo o que é malfeito aos chefes de equipe de trabalho. O presidente do

comitê de gestão deve respeitar a opinião do subalterno e dirigir benevolamente as atividades dos seus subalternos que, por sua vez, devem ajudar o presidente do comitê de gestão e aconselhá-lo de maneira a que possa conduzir com êxito o seu trabalho. É errôneo que o presidente do comitê de gestão se exalte sem distinguir nada, em lugar de respeitar os seus subalternos fazendo-lhes compreender as suas faltas, do mesmo modo que também é errôneo que não se ajude o presidente do comitê de gestão, tomando-o por um homem temível. Parece que o vosso presidente do comitê de gestão não se tornou um homem assim tão temível. Não se deve evidentemente estabelecer um compromisso com os que cometem erros, mas para tanto, não é necessário enfraquecer a união entre os homens. O importante é a união num espírito de camaradagem, na ajuda mútua e no amor recíproco.

O comitê do Partido da comuna deve assumir uma grande responsabilidade quando o trabalho do comitê de gestão não marcha bem. Primeiro, o presidente do comitê do Partido da comuna carece de vigor como uma folha murcha sob a geada branca e fica desatento como se tivesse sido retirado da água. Conduz-se como um homem exausto, ainda que o diretor-adjunto do departamento organizativo do Comitê Central do Partido e o presidente do comitê do Partido da província já o tenham dirigido de uma forma concreta para que hoje possa apresentar um informe à assembleia geral do Partido.

Como o comitê do Partido é fraco, é-lhe impossível quer assistir ao comitê de gestão no seu trabalho quer controlá-lo. Se o comitê de gestão trabalha mal, o presidente do comitê do Partido deve convocar uma reunião a fim de que aí sejam criticados os erros deste último e corrigida a orientação das suas atividades. Mas, o comitê do Partido da comuna não sabe o que fazer, do mesmo modo que o comitê de gestão, pondo-se a reboque deste último.

Para estabelecer uma comparação, o presidente do comitê popular da região ou da comuna é quem rema à proa, ao passo que o presidente do comitê do Partido da região ou

da comuna é quem maneja o leme à ré. Como poderia o trabalho andar bem se na retaguarda se dormita e se deixa ao abandono o comitê de gestão que assim envereda por um falso caminho e vai à deriva?

O erro é apenas da responsabilidade do presidente do comitê do Partido da comuna. Os membros do comitê do Partido da comuna também trabalharam mal. Não há razão para que a organização do Partido falhe no seu conjunto pelo fato do presidente do comitê do Partido não trabalhar bem. Se os membros do comitê do Partido executarem fielmente as tarefas que lhes são atribuídas e se criticarem severamente, no quadro da reunião do comitê, o presidente do comitê do Partido caso ele tenha cometido erros no seu trabalho e o ajudarem a tempo a corrigi-los, o comitê do Partido poderá sempre prosseguir o seu trabalho como deve ser, mesmo que o seu próprio presidente tenha cometido erros no seu trabalho. No fundo, a razão pela qual se organizou o comitê do Partido a se elegerem os seus membros reside na necessidade de cooperação entre eles e de fazer valer a inteligência coletiva a fim de dirigir a organização do Partido, dado que, se estivesse sozinho no seu trabalho, o presidente do comitê poderia cometer erros.

Uma grande falha no vosso trabalho é a fraqueza do papel do comitê do Partido, que é um organismo de direção coletiva. Assegurastes a realização da reunião do comitê várias vezes por ano, mas examinastes aí essencialmente questões de disciplina, não tendo discutido concretamente as tarefas da cooperativa e não atribuindo tarefas precisas aos membros do comitê.

A fim de que o comitê do Partido tenha pulso em todos os assuntos que dizem respeito à comuna e possa dirigir de uma forma concreta o trabalho do comitê de gestão, seria necessário que os seus membros se reunissem, pelo menos uma vez por semana, para os discutir.

Quando se trata de reunião, consideramo-la como algo difícil que exige sempre um informe escrito e a elaboração de um projeto de resolução, mas não são necessárias tais formalidades. O importante é que se reúna a tempo de

discutir todos os problemas e de repartir judiciosamente as tarefas. Por exemplo, depois de se ter discutido os problemas atuais, a saber: o que é necessário para conduzir com êxito os trabalhos agrícolas deste ano? O que é mais importante para uma boa preparação dos trabalhos agrícolas? Deve-se atribuir tarefas concretas a cada um dos membros do comitê, de tal modo que um determinado camarada fique responsável pela assistência à reparação das máquinas agrícolas e um outro de ajudar no transporte de estrume. Caso não se atribuam tarefas depois de as ter discutido, ninguém se sentirá responsável.

As tarefas atribuídas pelo comitê devem ser executadas sem falta. O trabalho do Partido é um trabalho revolucionário. Quem pensar que não pode fazer a revolução sem ter um salário, não poderá ser um revolucionário. No que respeita ao trabalho do Partido, convém não tomar nenhuma atitude movida por puro interesse pessoal. Para que possamos dar conta da tarefa que nos atribuiu o Partido é preciso trabalhar arduamente mesmo durante as horas em que outros repousam e depois de um dia de trabalho.

É necessário que uma vez atribuídas as tarefas estas não deixem de ser controladas na sua execução. Para isso, é inútil julgar-se necessário a organização e o envio de um determinado grupo de inspeção. Suponham que foi atribuída aos membros do comitê a tarefa da realização de determinado tipo de trabalho num determinado prazo, seria preciso inteirar-se de como os membros põem em execução esta tarefa e, no caso dela não estar a ser bem executada, dar-lhes uma direção apropriada. Por exemplo, no caso de se ter confiado a um membro do comitê a tarefa de dirigir determinado camarada que não obedece inteiramente à disciplina da organização, é necessário que nos informemos de quantas vezes ele conversou pessoalmente com este camarada e da forma como o dirigiu; e no caso de se ter confiado a um membro do comitê a tarefa de direção do trabalho da fundição de maneira a terminar a reparação das máquinas agrícolas antes de determinada data, é preciso interrogá-lo sobre o desempenho da sua tarefa e se ele não

ainda a tiver cumprido é preciso inteiramo-nos das dificuldades que encontrou, devendo os membros do Partido reunir-se de novo, a fim de discutirem as medidas a tomar. Assim, os 13 membros do comitê devem reunir-se frequentemente para discutir o trabalho, distribuí-lo, fazendo o balanço do trabalho realizado e, nesta base, discutir e distribuir de novo o trabalho. É desta forma que todos os membros do comitê poderão dar provas da sua inteligência, e que o comitê poderá cumprir o papel que lhe compete.

Assim como o comitê do Partido da comuna, também as organizações primárias do Partido devem trabalhar deste modo.

Tal como outrora no tempo da luta de guerrilha era frequente a nossa participação na reunião do Partido da companhia, também ainda hoje participamos na assembleia geral da organização primária do Partido frequentemente. Uma companhia de guerrilha compunha-se de 70 a 80 pessoas das quais apenas 6 ou 7 eram membros do Partido. Quando se tinha ordem do superior para preparar-nos para um combate que teria lugar dentro de 8 ou 10 dias, o presidente do comitê do Partido da companhia convocava a reunião do Partido.

Na reunião do Partido, discutiam-se todos os problemas respeitantes aos preparativos de combate e distribuía-se o trabalho. Por exemplo, no caso de haver um guerrilheiro que se atrasasse sempre causando embaraços de cada vez que havia combates, um determinado camarada deveria assumir a responsabilidade da tarefa de o dirigir; outro camarada devia assumir a responsabilidade de dirigir e de ajudar determinado recruta, limpando-lhe a espingarda ou tecendo-lhe cordas para o saco; um outro camarada devia ter a responsabilidade dos víveres e preparar de diferentes maneiras a farinha de arroz torrada; um outro camarada devia encarregar-se adequadamente da cura de determinado camarada doente de modo a tornar possível a sua participação no combate da companhia; e ainda um outro camarada devia contar aos guerrilheiros um romance que tivesse por tema combates conduzidos pelos exércitos

revolucionários ou a história de antigos generais que tivessem combatido valentemente ou então organizar palestras com os guerrilheiros acerca de determinado romance ou de récitas de combates de guerrilha conduzidos por um exército revolucionário. Desta forma, distribuíram-se tarefas específicas aos membros do Partido. Assim, ao cumprirem a sua tarefa militar, nomeadamente, entrando de guarda no caso de quem devia entrar, partindo em reconhecimento no caso de quem o devia fazer, os membros do Partido chegavam mesmo a passar a noite em claro a fim de realizarem o cumprimento destas tarefas que lhes eram distribuídas pelo Partido.

Como os preparativos de combate e dos trabalhos agrícolas constituem tarefas atribuídas pelo Partido, não pode haver diferenças quanto ao método de discussão no seio da assembleia geral da organização primária do Partido. É necessário dar-se a cada membro do Partido tarefas concretas. Por exemplo, é necessário atribuir-se a um camarada a tarefa da educação de um preguiçoso fazendo com que participe devidamente no trabalho, é preciso delegar num outro a responsabilidade de fazer uma exposição das experiências adquiridas pelas outras equipas de trabalho nos preparativos dos trabalhos agrícolas, é preciso encarregar um terceiro membro da organização de palestras com os membros da cooperativa sobre as experiências dos preparativos dos trabalhos agrícolas que tenham sido publicadas no jornal. Assim, todos os membros do Partido devem executar as tarefas que lhes forem distribuídas pela organização do Partido, participando de uma forma exemplar nos trabalhos agrícolas.

O Partido é uma organização. A organização do Partido não pode funcionar através dum simples apelo lançado na reunião aos membros do Partido para que desempenhem o papel principal. A organização do Partido não funcionará senão quando existir o trabalho organizativo, que consiste em distribuir as tarefas a cada um dos membros do Partido a fim de lhes permitir agir, e em fazer o balanço dessas tarefas. Nos Estatutos do Partido está escrito que os membros do

Partido devem difundir a política do Partido e dar o exemplo na luta pela sua execução. É preciso dar tarefas concretas aos membros do Partido, a fim de que possam aplicar a política do Partido. Desde que todos os membros do Partido lutem por pôr em prática a política do Partido, a organização dos membros do Partido tornar-se-á uma organização viva e atuante.

Uma outra falha no vosso trabalho reside na insuficiência de trabalho quanto à educação dos membros do Partido.

Antes de tudo importa aumentar o nível de consciência comunista dos membros do Partido. Tal como vocês próprios ontem insistiram, quando conversávamos sobre o aspecto da consciência comunista, percebi através das vossas intervenções que um grande número de camaradas possui um baixo nível de consciência.

Agora queria limitar-me a fazer algumas breves considerações acerca da educação comunista, uma vez que já falei dela anteriormente.

Uma das questões mais importantes da educação comunista consiste em educar os homens no espírito do amor pelo trabalho.

Quem tem aversão pelo trabalho não pode ser um comunista. Quem gosta de viver na ociosidade encontra-se imbuído das ideias da classe exploradora. Todos os bens preciosos de que nos servimos, tais como a alimentação, o vestuário, o alojamento, são produtos do trabalho do homem. Sem trabalhar é evidentemente impossível a edificação de uma sociedade justa, assim como é impossível alimentarmos para viver. O homem deve ter como princípio viver daquilo que tiver ganho pelo seu trabalho. Quem deseja viver do ganho de outrem quer de fato explorá-lo.

Por que razão detestamos os proprietários de bens de raiz e os capitalistas? É porque eles não trabalham, vivendo na ociosidade e apropriando-se do ganho dos operários e dos camponeses à custa de suor e sangue. São estes ociosos que combatem os comunistas, que lutam para derrubar o

regime social onde dominam os exploradores e edificar uma sociedade onde toda a gente trabalhe e viva feliz.

Alguns camaradas julgam que na sociedade comunista toda a gente poderá levar uma vida ociosa, já que então se viverá na opulência. É um grande erro. É verdade que na sociedade comunista havemos de gozar de uma vida de tal maneira rica que é hoje difícil imaginá-la. Mas nela não terão então lugar, de modo nenhum, homens que vivam sem trabalhar. O fato de vivermos todos muito felizes na sociedade comunista, não significa de modo nenhum, que então possamos viver sem trabalhar, mas que, estando a técnica bem desenvolvida, o dia de trabalho será curto, o trabalho fácil e mesmo agradável, se bem que devamos trabalhar todos. Para construir no mais curto espaço de tempo tal sociedade tão magnífica é necessário desde já que trabalhemos mais.

A determinada altura da sua intervenção, uma chefe de equipe de trabalho disse que precisávamos de trabalhar muito mais, uma vez que ainda não unificamos a nossa pátria. Ela tem razão. Devemos trabalhar ainda mais que os outros pois estamos atrasados em relação a eles e temos muito a fazer.

É necessário que sejamos homens que odeiem a ideologia da classe exploradora que detesta e despreza o trabalho, que considerem a aversão pelo trabalho como algo de muito vergonhoso e o trabalho como algo sagrado e a mais louvável das coisas e que gostem de trabalhar. Só então se poderá dizer que somos homens com ideologia comunista.

O nosso povo é por natureza um povo trabalhador.

Podemos encontrar uma infinidade de magníficos exemplos do amor pelo trabalho entre o nosso povo patriota e laborioso.

Há algum tempo atrás, quando fui à cooperativa agrícola de Sangyang acompanhado dos presidentes dos comitês de província do Partido, verifiquei aí que uma velha mulher, membro de uma família de assassinados pelo inimigo, dava o

exemplo do trabalho na cooperativa dizendo que as famílias dos assassinados pelo inimigo deveriam trabalhar com maior aplicação que os outros. Assim que regressei, falei deste caso.

É lógico que os revolucionários saiam dos excelentes trabalhadores, dos que gostam de trabalhar. Os membros das famílias dos revolucionários têm uma ideologia mais forte que os outros e, por esta razão, são mais modestos e apaixonados pelo trabalho.

Como certa vez afirmei, Ryom Po Bae é uma velha mulher que ultrapassou em muitos os 70 anos. O seu marido foi assassinado pelo inimigo quando ajudava a Guerrilha Antijaponesa, o seu filho mais velho tomou diretamente parte na luta de guerrilha, tombando no campo de batalha, onde deu provas de bravura, e o seu filho mais novo foi preso e morto pelos japoneses por ter servido de guia à nossa Guerrilha nas paragens do rio Amnok, ou seja, nos distritos de Changbai e Hyesan, quando esta se movimentava de Norte para Leste da Manchúria. A própria Ryom Po Bae ajudou sinceramente a nossa Guerrilha. Durante a Guerra de Libertação da Pátria esta mulher serviu refeições aos combatentes do Exército Popular quando estes se encontravam em retirada temporária, precisamente numa altura em que a invasão do inimigo era iminente, pondo assim em risco a sua própria vida. De fato, o Estado deveria sustentar esta velha como ela o merece.

Contudo, até hoje, esta mulher nunca pediu assistência social ou manifestou o mínimo descontentamento. De resto, ela enviou ao Exército Popular os três filhos que ainda lhe restavam e que educara. Na Primavera de 1958, quando da minha ida à província de Ryanggang, encontrei-a e supliquei-lhe que abandonasse toda e qualquer espécie de trabalho e que repousasse. Respondeu-me que trabalharia até ao último momento de sua vida.

O que deveríamos aprender com tal pessoa? São as suas ideias que precisamos de aprender. As suas ideias são precisamente ideias comunistas.

O trabalho é igualmente difícil de executar para toda a gente. Mas, se não se trabalhar com o pretexto de dificuldades, quem construirá a sociedade socialista? É impossível que um forasteiro torne o nosso país rico e poderoso.

Não se pode abandonar a revolução com o pretexto de que é difícil fazê-la. Não é que seja fácil aos oficiais e aos soldados do Exército Popular, defenderem os pontos altos sem dormir de noite e sujeitos à tempestade. É algo de muito difícil, mas fazem-no pelo povo, pelo Partido e pelo Estado.

Durante a nossa luta de guerrilha, os japoneses caluniaram-nos afirmando que éramos doidos por nos termos esforçado durante mais de 10 anos no treino de milhares de jovens para uma luta impossível pela obtenção da independência do país. Não o fazíamos, contudo, ignorando o fato de nos ser muito mais agradável uma vida recatada numa casa bem aquecida. Mas estávamos resolvidos a recuperar o nosso país e a salvar o nosso povo, custasse o que custasse, e por isso não considerávamos os nossos sofrimentos como tal.

Por que sofremos a opressão do imperialismo japonês durante quase 40 anos? Porque os nossos antepassados não conseguiram tomar o nosso país poderoso e rico. Se, presentemente, não nos déssemos ao trabalho de construção da sociedade socialista e se legássemos o nosso atraso à posteridade, esta sofreria sempre as consequências. Devemos trabalhar ainda mais não só para a melhoria da nossa própria vida, mas também para a felicidade dos nossos descendentes.

O trabalho traz-nos não só uma vida nova e rica, mas igualmente faz de todos nós construtores do socialismo, competentes e consistentes. É através do processo do trabalho que se torna possível ao homem acumular preciosas experiências da transformação da natureza e desenvolver ainda mais as suas aptidões. É ainda no decurso do trabalho que podemos educar-nos no espírito do coletivismo que consiste em ultrapassar as dificuldades na ajuda mútua, desembaraçar-nos das sequelas da antiga ideologia inerente

à classe exploradora que detesta o trabalho e armar-nos da ideologia do povo trabalhador dedicado ao trabalho.

Um outro ponto importante da educação comunista é a educação dos homens no espírito de amor pelos bens do Estado e pelos bens comunitários.

Alguns de entre vós têm ainda o mau hábito de não considerarem como vossos próprios bens, os bens do Estado e da cooperativa. Como revelaram nas vossas intervenções, não se importam nada que as vossas galinhas debiquem à vontade os cereais da cooperativa porque pensam que o que é importante é que fiquem com o papo cheio. É um fato que testemunha a falta de dedicação aos bens da cooperativa.

Os proprietários de bens de raiz e capitalistas exploraram cruelmente os operários e os camponeses a fim de que só eles pudessem levar uma vida abundante não se importando minimamente com a sorte dos outros.

Mas, a nossa intenção é que toda a gente, e não só alguns, possa levar uma vida feliz. Foi por isso que tornamos comuns todos os bens: a terra que trabalhamos conjugando os esforços, os bois, os cavalos, as máquinas agrícolas, etc. Os bens comunitários da cooperativa não constituem bens de ninguém em particular, mas sim bens comunitários do conjunto dos membros da cooperativa. Se cada um dos membros da cooperativa só tratar dos seus próprios bens, conservando negligentemente os bens da cooperativa e não mostrando qualquer interesse pela agricultura da mesma, com o pretexto de que esta não dá de comer só a ele, os bens da cooperativa não poderão aumentar e a agricultura também não poderá avançar com êxito. É um fato evidente.

Todo aquele que pense que o que interessa é que lhe seja possível viver na abundância, colocando-se numa posição de indiferença em relação aos bens do Estado e da cooperativa é, em última análise, um homem imbuído da ideologia egoísta das classes exploradoras. Esta ideologia egoísta é uma ideologia injusta, diametralmente oposta à ideologia comunista. Se o egoísmo se desenvolvesse em alguém, esse alguém apropriar-se-ia dos bens do Estado e da cooperativa a fim de servir os seus próprios interesses, e

ainda mais, acabaria mesmo por trair o Partido, o Estado e o povo reduzindo-se finalmente a um espião do inimigo.

Esta ideologia egoísta tem raízes profundas porque se desenvolveu durante milênios na sociedade das classes exploradoras. Devemos, portanto, continuar a conduzir uma luta ideológica contra a ideologia egoísta a fim de construirmos o socialismo e de formar totalmente a consciência dos homens segundo a ideologia comunista.

Um outro ponto importante da educação dos membros da cooperativa segundo a ideologia comunista, consiste em desembaraçá-los das ideias conservadoras que se traduzem na sua obstinação pelo antigo, e em cultivar ativamente no seu espírito as ideias revolucionárias de dedicação ao novo.

Vivemos presentemente na época da revolução. Rejeitamos todo o modo de vida caduco e podre que subsistia há muito, e construímos uma sociedade nova que é a mais avançada das sociedades. É impossível criar-se o novo sem rejeitar ousadamente o antigo. É impossível edificar-se uma sociedade nova, a sociedade socialista, sem rejeitar o antigo regime, a antiga ideologia, o antigo método de trabalho e as antigas regras de vida que nos impedem de avançar.

No momento atual, todos os campos se encontram organizados em cooperativas e a economia rural é gerida segundo os princípios socialistas. Devemos aperfeiçoar com ousadia todos os métodos agrícolas e de gestão de modo que se ajustem à economia cooperativa socialista avançada e eliminar, no mais curto prazo possível, a antiga ideologia, assim como os antigos usos e costumes. É necessária a luta pela contínua criação do novo contra o antigo que impede a nossa marcha em frente. O espírito revolucionário de inovações contínuas e de contínua marcha em frente, eis o que representa a ideologia comunista conseqüente com o nosso regime social.

Reforçando o trabalho de educação comunista devemos esforçar-nos por desenvolver a boa moral e os bons usos e costumes entre o povo. Há quem pense que os comunistas só conhecem a revolução. É um grave erro. Os comunistas

observam a moral melhor que ninguém e dão mais importância do que ninguém aos bons usos e costumes do povo.

Os comunistas amam os pais, as mulheres, os filhos e os camaradas, respeitam os velhos, são simples na vida que levam e sempre modestos na sua conduta. A conduta arrogante isenta de respeito pelos velhos é totalmente contrária à moral do membro do Partido. Certos camaradas, longe de cuidarem das famílias dos militares e dos mártires chegam mesmo a ofender as mulheres destes, cometendo assim uma má ação. Proveniente de uma falta de respeito pelo povo e de uma falta de amor pelos camaradas, este comportamento é uma expressão das sequelas da antiga ideologia, própria da classe exploradora. Estes atos são vergonhosos ultrajando a nossa moral comunista.

Todos estes atos imorais enfraquecem a unidade do nosso povo e criam obstáculos à nossa marcha em frente. É-nos necessário conduzir uma luta ideológica intransigente contra tais tendências e reforçar ainda mais o trabalho de educação moral entre as massas.

Todo o trabalho de educação ideológica deve ser necessariamente efetuado em estreita ligação com a política do nosso Partido. A política do nosso Partido ilumina o caminho que deve ser seguido pelo nosso Partido e pelo nosso povo. Comparativamente, a política do nosso Partido é como que uma lâmpada que à noite ilumina o caminho. Desde que se ignore a política do Partido, poderemos cair por terra ou num precipício perigoso, porque ignoramos completamente, como quem se encaminha por uma noite espessa, qual o caminho escarpado e qual o plano. Logo que tenhamos uma lanterna ou uma lâmpada de bolso torna-se-nos possível orientarmo-nos e descobriremos um caminho plano e direito a evitar o caminho escarpado.

A política do nosso Partido vem claramente exposta nos documentos do Partido, tais como as decisões do Congresso do Partido, as decisões do Comitê Central do Partido, as decisões do Presidium do Comitê Central do Partido, etc.

O estudo da política do Partido é um dever dos membros do Partido. A política do nosso Partido define o caminho que devemos seguir com base numa análise marxista-leninista da situação do nosso país. O estudo da política do nosso Partido e do marxismo-leninismo permitir-nos-á lutar valentemente em todos os momentos por mais difíceis que sejam, sem perdermos a esperança num futuro feliz e a confiança na vitória.

Na época da dominação imperialista japonesa, muitas pessoas previram muito vagamente o momento da derrota japonesa e da independência da Coreia. Os que não sabiam analisar a situação do ponto de vista marxista-leninista não podiam prever a derrota do imperialismo japonês, nem ter confiança na vitória.

Mas os que conheciam o marxismo-leninismo podiam prever com nitidez a derrota do imperialismo japonês e a vitória conquistada pelo nosso povo, como se olhassem de um cume alto para baixo. Os que não souberam prever o futuro e vacilaram perverteram-se, pelo contrário, os que, convencidos da verdade do marxismo-leninismo, previram o futuro e prosseguiram a sua luta, saíram vencedores.

A vitória será necessariamente conseguida por todos os que lutam seguindo o caminho indicado pelo Partido estudando duma forma razoável, em ligação com as suas condições reais, qual a política do Partido e em que reside a sua justeza.

Para terminar, queria ainda dizer-vos que os membros do Partido devem reforçar mais a sua unidade. Os membros do Partido devem unir-se conscientemente uma vez que todos têm a mesma ideologia, a ideologia comunista, e que lutam pelo mesmo objetivo. Temos ainda muitas dificuldades a vencer para edificarmos o socialismo e atingirmos a sociedade comunista. É impossível aos membros do Partido vencerem estas dificuldades, a menos que tenham confiança e se unam estreitamente uns aos outros. Todos os membros do Partido devem unir-se e, também nesta comuna, os membros do Partido devem ter um só coração e uma só vontade.

Logo que se manifeste uma falha em alguém é necessário que esse alguém seja criticado e corrigido a tempo; assim que surja uma divergência entre os membros do Partido é necessário convocar uma reunião do comitê do Partido a fim de a discutir, ou entrar em conversações com aqueles em que essa divergência se tenha manifestado por forma a regularizá-la a tempo pelo método da educação e da persuasão. Tal luta deve ser conduzida quotidianamente. Desde que as falhas se multipliquem e que a divergência se aprofunde, tornar-se-á difícil regular a questão e assegurar a unidade.

O comitê de comuna do Partido e a organizações primárias do Partido, devem consagrar grandes esforços na correção a tempo dos erros, na resolução das divergências e a garantia da unidade ideológica dos membros do Partido, reforçando continuamente a crítica e a autocrítica no seio do Partido.

A Sessão Plenária Alargada do Comitê Central do Partido, que teve lugar em Dezembro de 1959, pôs em relevo tarefas prioritárias por forma a dar-se um novo e maior impulso à edificação do socialismo. Em particular, põe-se agora em relação aos membros das nossas cooperativas a importante tarefa de produzir uma muito maior quantidade de cereais, de carne e de legumes e de tornar mais elevado o nível de vida do povo. Devemos alcançar uma nova grande vitória na luta pela realização das decisões da Sessão Plenária Alargada de Dezembro de 1959, tal como realizamos um grande impulso na edificação do socialismo, no decurso da luta de todo o povo para cumprir as decisões da Sessão Plenária Alargada de Dezembro de 1956.

Estou certo de que todos vós, mais estreitamente unidos em torno do Comitê Central do Partido, realizareis com honra as tarefas apresentadas aos nossos camponeses pela Sessão Plenária Alargada de Dezembro.

ÍNDICE

Acerca dos problemas do período de transição do capitalismo ao socialismo e da ditadura do proletariado	PÁG. 7
Acerca de alguns problemas teóricos da economia socialista	26
1 - O problema da correlação entre a envergadura da economia e o ritmo de desenvolvimento da produção na sociedade socialista	28
2 - Os problemas da forma de mercadorias dos meios de produção e da utilização da lei do valor na sociedade socialista	37
3 - Os problemas do mercado camponês na sociedade socialista e meios de o suprimir	50
Para uma gestão correta da economia rural socialista	56

Este livro foi composto e impresso
na Tip. Garcia & Carvalho, Lda.
em Janeiro de 1976
para
Edições Maria da Fonte

